

UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Julio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Mestrado

Novas formas de pensar/dizer, dizer/pensar: *a imagem como linguagem mediadora da experiência do formador de professores.*

Simony de Lena Dotto

SÃO PAULO
2009

UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Julio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Mestrado

Novas formas de pensar/dizer, dizer/pensar: *a imagem como linguagem mediadora da experiência do formador de professores.*

Simony de Lena Dotto

Dissertação submetida à UNESP, como requisito parcial exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, área de concentração em Artes Visuais, linha de Pesquisa Ensino e Aprendizagem da Arte, sob a orientação da Prof^a Dr^a Luiza Helena Christov da Silva, para obtenção do título de Mestre em Artes.

SÃO PAULO
2009

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Artes da UNESP

Dotto, Simony de Lena
D725n Novas formas de pensar/dizer: a imagem como
linguagem mediadora da experiência do formador de
professores / Simony de Lena Dotto. - São Paulo : [s.n.],
2009.
132 f

Bibliografia

Orientador: Profa. Dra. Luiza Helena Christov da Silva
Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes.

1. Formação de professores. 2. Linguagem I. Silva, Luiza
Helena Christov da. II. Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Artes. III. Título

COMISSÃO JULGADORA

Dra. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV – Orientador
Dep Artes Cênicas Ed Fund Com /
Instituto de Artes de São Paulo

Dra. ECLEIDE CUNICO FURLANETTO
UNICID

Dra. REJANE GALVÃO COUTINHO
Dep de Artes Cênicas Ed Fund Com /
Instituto de Artes de São Paulo

Dedico este trabalho

a você, Mauro, por ser meu parceiro na vida, me amar e demonstrar seu amor com apoio, admiração e compreensão.

a você, Luisa, minha filha amada, por me lembrar em todo o percurso vivido de produção da pesquisa que é possível ser mãe-pesquisadora.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Santa Terezinha pela proteção e iluminação espiritual.

A você, querida Luiza, orientadora, amiga e acima de tudo leitora crítica e amorosa dos meus textos.

Aos meus pais – João Renato e Marlene pela força de vida, pelo amor incondicional dedicado a mim e à minha filha... Por ter a certeza que sempre posso contar com vocês.

Ao Prof. Drº João Cardoso Palma Filho por ter acreditado nos meus propósitos de pesquisa, por sua sabedoria e generosidade.

Aos queridos professores Milton Sogabe e José Leonardo que me acolheram em suas aulas e pelas discussões promovidas que colaboraram muito com as idéias aqui produzidas.

Às professoras Rejane Coutinho e Ecleide Furlanetto, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

À Rosangela, por sua amizade sincera e por compartilhar comigo idéias sempre tão inteligentes.

À Eleni por sua sensibilidade e pelo carinho que sempre tivemos uma com a outra.

À Patrícia, anjo que surgiu na minha “nova vida profissional”, sincera, sensível... amigas para sempre!!!

Ao SESI-SP, instituição da qual me orgulho!

Aos amigos-sujeitos dessa pesquisa: Laor, Mariângela, Saulo, Cidamara, Cíntia e Sebá. Tenho por vocês a mais profunda admiração e sempre serei grata pelo carinho que vocês têm por mim.

Às amigas Anaide e Luciana pela disposição em colaborar. O que vocês produziram foi muito importante para os meus momentos de reflexão.

Às sempre companheiras-amigas: Zezé, Elma, Elâine... pela amizade, pelo apoio e compreensão às minhas decisões.

À Márcia, por ter me ensinado que é preciso cuidar da amizade para que ela não se perca nos labirintos da vida.

À Betinha, por ter contribuído com a minha escrita.

À EMEF *Rodrigues de Carvalho*, por ter me acolhido na beleza e na dureza da realidade.

DOTTO, Simony de Lena. *Novas formas de pensar/dizer, dizer/pensar: a imagem como linguagem mediadora da experiência do formador de professores*. São Paulo: UNESP: Instituto de Artes, Dissertação de Mestrado, 2008.

R E S U M O

Esta pesquisa teve por objetivo descrever processos de mediação da imagem como linguagem no pensar/dizer, dizer/pensar de formador de professores na perspectiva de compreender como a imagem pode favorecer a construção de um discurso mais autoral.

A pesquisa foi realizada no contexto do projeto de formação de professores da rede escolar SESI-SP, com seis formadores de professores, os quais expressaram seus percursos profissionais e os sentidos atribuídos ao ofício de formador com palavras e imagens.

A construção dos dados e informações produzidas pelos sujeitos foi integrada aos fundamentos teóricos, num diálogo vivo e dinâmico como é a vida de uma pesquisa.

Algumas metáforas como *travessia*, *caminho* e *labirinto* acompanharam o processo de produção da pesquisa, tendo como objetivo indicar a complexidade que reside no campo da formação continuada de professores e as possibilidades de novas abordagens de discurso e reflexão. As idéias de Dewey e Larrosa, Paulo Freire e Perrenoud, Vigostski, Santaella e Pareyson embasam teoricamente os principais conceitos abordados: *EXPERIÊNCIA, FORMAÇÃO E IMAGEM-LINGUAGEM*.

A interpretação dos dados revelou que a imagem, como linguagem mediadora, pode ampliar e revestir de maior sentido o pensar/dizer dos formadores desde a formação seja compreendida como experiência estética do sentir, pensar e produzir sentidos. Isso significa que, muito mais que uma mera atividade a ser desempenhada pelos sujeitos a tradução da imagem em palavras agrega elementos compatíveis com a idéia da integralidade do sujeito: sentimentos, emoções, vivências e saberes construídos. Nessa perspectiva, a imagem desvelou um sujeito mais inteiro, revestindo de sentido suas palavras.

Todo o percurso de investigação contou com um pesquisador que também viveu o processo de reinvenção de seu pensamento e discurso por meio da linguagem-imagem-tradução.

Palavras-chaves ou palavras que abrem: formação - experiência estética – linguagem - palavra - imagem.

A B S T R A C T

This research has the objective of describing the processes of images as language of thinking/saying, saying/thinking of formators of teachers in the perspective of understanding as the image can favor the construction of a more authorial speech.

The research was done in the context of the project of formation of teachers from the escolar group SESI-SP, with six formators of teachers, that expressed their professional route and the senses attributed to the trade of formators with words and images.

The construction of the information done by people was integrated to the theoretical fundamentals, in a living and dynamic dialogue like it is the life of a research.

Some metaphors like passages, way and labyrinth follow the process of the production of the research, having as object to indicate the complexity that resides in the field of the continuous formation of teachers and the possibilities of new approaches of the speech and reflexion. The ideas of Dewey and Larrosa, Paulo Freire and Perrenoud, Vigotski, Santaella and Pareyson confirm theoretically the principal concepts deal: experience, formation and image-language.

The interpretation of the information revealed that the image, as the language, can enlarge and cover the biggest sense the thinking/saying of formators since the formation be understandable as aesthetic experience of feeling, thinking and producing senses. This means that, more than an activity to be done by people to translate the image in words with compatible elements with the idea of the total person: feelings, emotions and knows constructed. By this perspective, the image showed a more complete person, his/her words covered of senses.

All the route of investigation counted with a researcher that also lived the process of the reinvention of his/her thought and the speech by the way of language-image-translation.

Key-words or words that open: formation, aesthetic experience, language, word and image.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO OU PORTAS DE ABRIR ... EM PORTAS.....	11
<i>A busca de uma nova significação profissional a partir da educação estética: um novo caminho ou um jeito novo de caminhar?</i>	<i>13</i>
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU QUEM PASSARÁ COMIGO NESSE CAMINHO LABIRÍNTICO?	23
<i>1.1. Formação de professores/educadores: no labirinto das palavras: entre a conformação e a formação.</i>	<i>23</i>
<i>1.2. Relatos de fragmentos autobiográficos: um caminho para a reinvenção.</i>	<i>29</i>
<i>1.3. Relatos e imagens emergindo sentidos no percurso do labirinto da formação: um impulso para caminhar</i>	<i>34</i>
CAPÍTULO 2 – A PESQUISA E SUA METODOLOGIA OU PREPARANDO UMA VIAGEM..	38
<i>2.1. Na bagagem da viagem: uma experiência detonadora de reflexões, os sujeitos e os instrumentos em ação/reflexão.</i>	<i>41</i>
<i>2.2. Os sujeitos ... quem são, o que escrevem, o que representam por meio da imagem e o que falam sobre si.....</i>	<i>47</i>
CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DOS DADOS OU A POLISSEMIA DAS PALAVRAS E IMAGENS	95
<i>3.1. O vôo ou primeiro nível – O que vejo, o que penso e o que sinto diante das imagens dadas “a ler”?</i>	<i>99</i>
<i>3.2. O mergulho ou segundo nível: o que disseram/pensaram os sujeitos e como expressaram esse dizer e pensar no relato e no discurso mediado pelas imagens</i>	<i>104</i>
<i>3.3. Palavra e imagem: um dueto de linguagens na perspectiva da formação como experiência estética de sentir e dizer, viver e produzir sentidos.....</i>	<i>120</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

Introdução ou portas de abrir... em portas...



*"... A arquitetura como construir portas,
De abrir; ou como construir o aberto;
Construir, não como ilhar e prender,
Nem construir como fechar secretos;
Construir portas abertas, em portas;
... portas por - onde, jamais portas-contras..."*
João Cabral de Melo Neto - Arquitetura

Esta pesquisa pretende investigar se o discurso dos formadores de professores, quando mediado pelas imagens, pode se revestir de maior autoria, isto é, maior sentido para eles e, conseqüentemente, para os professores. Trata-se, pois, de uma busca de palavras que ampliem as formas de pensar e de dizer sobre o que se faz.

O estudo é de natureza qualitativa e está sendo realizado no contexto do projeto de formação de professores da Divisão de Educação do Serviço Social da Indústria de São Paulo – SESI-SP. Os sujeitos da pesquisa são formadores de professores e de coordenadores pedagógicos lotados na área de Metodologia do Ensino das áreas do conhecimento, na Gerência de Supervisão de Ensino.

Iniciei a pesquisa ainda como supervisora da referida área e, após oito anos de atuação, optei em trilhar um novo caminho profissional na rede municipal de São Paulo exercendo o cargo de coordenadora pedagógica numa escola de ensino fundamental. Tal decisão contribuiu na ampliação de minhas possibilidades de reflexão das questões trazidas na pesquisa já que pude vivenciar o que significa “olhar” o contexto da pesquisa estando dentro, ou seja, sendo sujeito do processo e dos produtos ali vividos e também estando fora, estabelecendo a distância necessária ao pesquisador no processo da pesquisa.

Nesse sentido, a fotografia produzida por mim na ocasião de uma vista à Pinacoteca de São Paulo e a poesia de João Cabral de Melo Neto que abrem esta pesquisa me ajudam a contar sobre minha travessia do SESI-SP à escola pública no sentido de que as experiências vividas no SESI-SP foram portas que me impulsionaram a abrir outras portas... em portas, buscando me reencontrar como formadora de professores, mas isso é outra história.

A busca de uma nova significação profissional a partir da educação estética: um novo caminho ou um jeito novo de caminhar?

Como tudo começou...

Minha trajetória como aprendente/desaprendente da arte possui várias passagens. De minha infância à vida profissional, foram muitos os capítulos.

Retomando meu itinerário de vida, relembro que meus primeiros contatos com a arte ocorreu nas brincadeiras no quintal da minha casa, muito antes de poder nomear por “arte” os meus feitos. Um terreno íngreme, repleto de árvores, patos e galinhas... era ali onde a imaginação e a fantasia corriam soltas; era o lugar onde minhas amigas e eu organizávamos cenários utilizando materiais improvisados como: retalhos de tecidos, vassouras, discos de vinil entre outros, para inventar histórias e as dramatizar.

Eram cenas do cotidiano: viagens em família, escola, filmes, novelas, contos de fada. Não havia títulos para as atividades como “teatro” ou “artes visuais”. Era simples ou complexamente um espaço de vivências, muito diferentes das atividades escolares, mais especificamente as aulas de educação artística. Nelas pinteí muito desenho mimeografado, coleí muitas bolinhas de crepom em torno de desenhos prontos e fiz diversos exercícios aplicando a geometria. A expectativa dessas aulas era utilizar o conjunto de tinta guache e pincéis solicitados na lista de material, mas esse dia não chegou, pelo menos no 1º grau, como era chamado o ensino fundamental.

Reencontrei-me com o teatro no magistério. O colégio era de freiras – *Colégio Nossa Senhora do Sagrado Coração* - e ficava em um prédio anexo ao convento. Fazia parte das atividades escolares e da formação das alunas no curso de magistério a participação em eventos sociais, beneficentes.

No segundo ano do curso tivemos de organizar uma peça de teatro para

apresentar em um orfanato. Diante da tarefa, buscamos um texto, preparamos os cenários, figurinos, tudo improvisado; ensaiamos muito as falas das personagens e as coreografias que faziam parte da peça, que se tratava de um musical. Atuei como protagonista e construí o personagem com suas características, figurino, personalidade; declamei poesias, cantei e dancei. Apresentamos a peça em diversas escolas e entidades sociais, inclusive viajamos com a apresentação para uma cidade do interior de Minas Gerais (Divinópolis) onde havia uma filial do colégio.

Apesar de ter sido um momento especial de aprendizado, a disciplina de Didática, promotora da atividade, não explorou o que poderia ter explorado em termos de fundamentos da arte como espaço e lugar de aprender e ensinar.

Formei-me professora e, devido ao meu desempenho escolar e dedicação nas apresentações teatrais, fui convidada a dar aulas no próprio colégio, na educação infantil, mas minha opção era trabalhar na escola pública. Foi então que me inscrevi em uma das Diretorias de Ensino da rede Estadual e, após três meses de idas e vindas, consegui um cargo como estagiária numa escola o qual se constituía em substituir professores quando faltavam. Nos dias em que não havia faltas de docentes, eu os apoiava mimeografando atividades, ou atendia ao público, ou, até mesmo, servia merenda, se fosse necessário. Essa experiência profissional foi muito importante no início de minha carreira, porque pude conhecer e viver a dinâmica de uma escola, seus problemas e entraves.

Como professora, quando substituí, eu pouco utilizei as experiências artísticas que fizeram parte de minha infância e formação no magistério. Envolvida na dinâmica da escola com todos os seus e os meus problemas como novata, fui consumida pelo cotidiano e, quando substituí professores que faltavam, optava em dar aulas de português ou de matemática; o máximo que eu fazia era propor aos alunos que desenhassem livremente.

Nesse período, entrei na faculdade de Pedagogia. Não cheguei a refletir sobre a área de arte e suas contribuições na formação dos alunos nos quatro anos de duração do curso.

Após um ano como estagiária na escola estadual, fui chamada para ser professora no SESI-SP, pois havia me inscrito na rede em uma determinada ocasião. Abandonei a escola pública e fui regressar para ela quatro anos depois, após ter me formado na faculdade e passar em um concurso. Após esse período, o SESI-SP me fez a proposta de exercer o cargo de Orientador Técnico de Ensino Fundamental, com dedicação exclusiva. Abandonei mais uma vez a escola pública, exonerando-me do cargo de professora.

O cargo que o SESI-SP me propôs era bastante administrativo, burocrático consistindo em ir às escolas para verificar documentos e implementar projetos institucionais, como, por exemplo, a informatização das secretarias das escolas. Logo de início senti que não me identificaria com a atividade, mas não havia volta, porque, no SESI-SP, naquela época, uma vez promovido, não era mais possível retornar a atividade anterior.

Exonerada do Estado, resolvi que eu “daria certo” nesse cargo e passei a dar uma conotação mais pedagógica às minhas “visitas” nas escolas, aproveitando-me das mudanças educacionais da época – publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da nova LDB.

Acompanhava aulas dos professores, observava procedimentos pedagógicos, elencava aspectos que mereciam superações, discutia a prática educativa com os diretores de escola e de tudo o que vi, centrei-me no processo de alfabetização como conteúdo a ser aprofundado. Estudei muito, fui promovida e passei a realizar formações de professores e demais especialistas de educação por alguns anos, até chegar ao cargo de supervisora da Área de Metodologia de ensino na Gerência de Supervisão de Ensino no ano 2000 - ocasião de uma grande reestruturação organizacional realizada pela superior administração da instituição. A formação foi estabelecida como um dos princípios para a melhoria da qualidade dos serviços educacionais prestados.

Na verdade, a concepção de formação pensada pela superior administração tinha mais a ver com a idéia de treinamento, isto é, *treinar melhor os professores para que ensinassem melhor os alunos*. Outro aspecto a ser

considerado é que a carga horária autorizada para os encontros formativos com os cinco mil professores da rede escolar era, e ainda é, de 16 horas por ano, o que fortalecia (e fortalece) a idéia de treinamento muito mais do que de formação. Assim, a contradição estava posta: formar professores com uma estrutura que não comportava processos formativos, mas, sim, treinamentos pontuais.

Com tal estrutura e ciente da contradição da instituição, esse desafio precisava ser enfrentado pela Gerência de Supervisão de Ensino, que já vinha de um posicionamento diferente da idéia de treinamento, pois, desde 1995, o SESI-SP obteve, junto ao Conselho Estadual de Educação, a supervisão delegada, o que representava autonomia, não estando subordinado à supervisão do Estado. Isso posto, foi criado o cargo de supervisor de ensino para supervisionar as escolas distribuídas pelo estado de São Paulo.¹ Os supervisores passaram, então, a participar da vida das escolas e intervir nas questões pedagógicas. Para tanto, foram realizadas formações com os sessenta e quatro supervisores no sentido de se constituírem articuladores de mudanças inspiradas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e da nova LDB. Assim, iniciou-se um ciclo de reuniões com os professores com temáticas sobre ciclos, progressão continuada, visando à superação da lógica seriada, interdisciplinaridade, avaliação, ênfase na aprendizagem contínua dos alunos e na necessidade de propor boas situações de ensino e aprendizagem, entre outras.

Em 2000, inicia-se o processo de elaboração dos Referenciais Curriculares da rede escolar SESI-SP, o que representou um marco histórico, vez que os serviços educacionais da rede já existiam há 55 anos², não havendo uma diretriz sistematizada que norteasse a prática pedagógica dos educadores. Arelado ao projeto de elaboração dos Referenciais Curriculares, nasce o projeto de formação dos professores da rede escolar SESI-SP (FORMAPROF) - premissa para a implantação dos referenciais.

Nesse contexto, foi criado o cargo de analista pedagógico para realizar a formação dos professores atuando como elaboradores e implementadores do

¹ Nesse ano a rede escolar SESI-SP possuía 218 escolas sendo 183 de ensino fundamental e 35 de educação infantil, distribuídas em cerca de 100 municípios de São Paulo.

² O SESI-Sp foi criado em 1946.

currículo. Os analistas eram professores da rede que prestaram concurso interno para o novo cargo. Fora da sala de aula, não tinham experiência com a formação de professores. A equipe foi formada com 36 analistas, organizados em: educação infantil, ciclo I e II (na época, ciclos correspondentes aos primeiros anos do ensino fundamental (1ª a 4ª série), hoje, 1º ao 5º ano) e ciclos III e IV, subdivididos em áreas de conhecimento que compõem a matriz curricular do SESI-SP.

No percurso de dois anos de produção dos Referenciais Curriculares, a equipe foi subsidiada por consultores específicos das modalidades de ensino e áreas de conhecimento que acompanharam e co-produziram o documento.

Acompanhando as consultorias de todas as áreas de conhecimento como supervisora da área responsável em produzir o documento, comecei a notar que as discussões sobre a área de arte me faziam pensar muito sobre o sujeito que faz, sente e pensa a arte ou dito de outra forma, o sujeito que aprende com sua inteireza, diferente das discussões das outras áreas que discutiam muito o conteúdo da área, suas metodologias, mas não incluíam muito o sujeito aprendiz.

Do lugar que agora via a escola fui me dando conta também de que não havia lugar para a arte nos anos iniciais e lembrei da minha própria prática que privilegiava as áreas de português e matemática. Passei a refletir sobre a formação dos professores na perspectiva de uma formação também estética como mais uma forma de atribuição de sentido ao que se faz, pensa e sente em educação.

A participação dos professores era premissa do processo de produção do documento norteador. Para tanto, os analistas levavam aos encontros formativos trechos produzidos dos Referenciais e discutiam com os professores incentivando-os a tomarem parte. Entretanto, a participação deles foi inexpressiva, vez que a instituição possui, e na época possuía muito mais, uma cultura autoritária, hierarquizada. Participação e diálogo eram motivos de estranhamentos entre as pessoas, ou seja, não havia tradição de processos compartilhados. Portanto, era algo a ser enfrentado, e o espaço da formação estava de certa forma apontando que poderia ser mais democrático.

Se por um lado fortalecer os professores a participarem de decisões era um dos desafios a ser enfrentado, outro se impunha: o formador se constituir democrático, aberto ao diálogo sem perder de vista a sua autoridade de conhecimento pedagógico na sua área de atuação, sendo que, na maioria das vezes, essa autoridade não estava construída, pois o analista estava também se formando no exercício da formação, o que resultava em insegurança e necessidade de se apegar em um discurso que “desse conta” de mostrar ou demonstrar aos professores seus saberes, suas competências.

Foi vivendo essa realidade que passei a me preocupar com o discurso dos formadores e com o meu próprio discurso. O que acontecia com as palavras? Reféns de conceitos e organizadas em frases “bonitas” e politicamente corretas as palavras pareciam não mais comunicar, impondo um discurso pronto, fechado, enfim, um discurso institucionalizado, repleto de chavões como “*aprendizagem significativa, processo de ensino e de aprendizagem, mobilizar e problematizar, levantar conhecimentos prévios, reflexão sobre a prática, educação de excelência, entre outros*”.

E foi vivendo esse momento que busquei no Instituto de Arte, em 2006, um espaço que pudesse me ajudar a discutir a relação que poderia haver entre educação estética e formação de professores. Descobri que não era privilégio meu tal preocupação, já que a professora Doutora Luiza Helena Christov da Silva há algum tempo investigava, juntamente com outros profissionais, as relações entre linguagens e formação.

Inserida no espaço acadêmico fui observando que na busca de se diferenciar da condição de professor para se constituir formador, esse profissional se “vestiu de palavras” de um discurso pronto e não-autoral e que pouco comunicava aos professores. Mas será que o problema estava nas palavras ou nas formas de pensar o ofício e a prática de formação? E, ainda, o que significa formar um adulto (professor) que já é profissional?

Essa última questão suscitou muitas discussões com os analistas nos momentos de negociações das pautas formativas já que não se tratava de ensinar

os professores a darem aulas, mas provocar reflexões sobre a prática docente.

Perrenoud (2003), em seu livro *A profissionalização dos formadores de professores*, indaga:

Continuam a modelizar, a dar receitas, regras de ação, soluções, tratando os estagiários como alunos, infantilizando-os, ou procuram levá-los a se questionar, a desenvolver a análise das práticas reais, a refletir e a problematizar as atividades e situações vividas, fazendo deles adultos-aprendizes? (2003, p.14),

De fato esse parece ser um dilema a ser enfrentado na relação formador-professor. Sobre essa questão, uma nova pergunta emerge: O que é ser um formador de professor? Que competências são necessárias para ser um formador de professores?

Perrenoud (2000) e Le Boterf (1994) conceituam competência como “um conjunto de recursos cognitivos e sociais necessários ao exercício da função, recursos ativados, postos em prática nas situações de formação”.

Os conceitos de competência, trazidos pelos autores, indicam idéias que nos permitem concluir que se trata de um conjunto de saberes e fazeres, os quais são colocados em jogo diante de uma situação. A idéia de *recurso*, que Perrenoud aborda em sua definição, remeteu-me à questão da *palavra* situada no discurso dos formadores como um recurso que se coloca em jogo para abrir ou fechar diálogos e, ainda, que, dependendo da qualidade da palavra, pode ser possível, ou não, favorecer reflexões sobre a prática educativa ou sobre o processo de ensino e de aprendizagem, enfim, que palavras são mobilizadas em favor de algo que se adjetiva formativo?

Sobre o uso da palavra, Larrosa (2004) diz que:

“Em contraposição à palavra autoritária, transmitida “de memória”, Bakthin situa a palavra intrinsecamente convincente como aquela que se transmite no estreito contato “com nossas próprias palavras” e que é essencial para a formação da consciência individual ou, o que para Bakthin é o mesmo, para a constituição de nossas próprias palavras. À diferença da palavra autoritária, a palavra intrinsecamente convincente é uma palavra sempre contemporânea e, além disso, entra em relação constante com nossas próprias palavras, de maneira que tem estatuto intermediário de uma

palavra semi-nossa, semi-alheia.” (2004, p.105-6)

As palavras dos analistas nos contextos de formação, na maioria das vezes, tendiam à palavra que deseja explicar, informar e “enformar”. Ao mesmo tempo, havia uma forte preocupação dos formadores em problematizar os professores: fazê-los pensar ao invés de “dar pronto”. Mas como formular boas perguntas com palavras marcadas por um discurso pronto, repleto de chavões pedagógicos?

Com essa leitura da atuação dos formadores e no esforço de pensar caminhos que permitam que as palavras abram diálogos com as palavras dos professores, no esforço de tornar as palavras dos formadores em suas próprias palavras, fui me aproximando do meu problema de pesquisa: como “ressignificar” a palavra no discurso dos formadores?

Foi pensando sobre essa questão que encontrei na educação estética, mais especificamente na linguagem imagética, um caminho para novas abordagens reflexivas e discursivas dos formadores.

As imagens, não como mero recurso instrumental ou ilustrativo, mas como linguagem que diz e ajuda a dizer; a imagem que media que está entre um pensamento e sua tradução.

Santaella, em seu artigo *Palavra, imagem e enigmas* publicado na revista USP (dez – jan – fev/92-93), discute a relação palavra e imagem esclarecendo aos leitores que tal relação é bastante complexa. Segundo a autora, o título de seu artigo suscita pensar o que há de imagem nas palavras, porém menos previsível é a reflexão: o que há de palavra na imagem?

Esse trocadilho que a autora propõe define, em grande parte, o tratamento metodológico das imagens nesta pesquisa, pois as mesmas serão tomadas como elementos mediadores de pensamento e linguagem, criando uma forma de dizer ao sujeito que, talvez, sem a imagem ele não a teria.

Mas o que significa criar? Muitas pessoas acreditam que criar está relacionado com algo novo, inédito, mas criar pode ser recriar algo já existente. Segundo Ostrower (1987), criar é basicamente formar:

É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. (1987, p.9),

Que coerências os formadores podem estabelecer em seu ofício utilizando a imagem como mediadora de pensamento e linguagem? Como um discurso, ou seja, um jeito de dizer sobre as questões ligadas ao exercício do formador pode revestir-se de autoria por meio da experiência estética?

Foi assim, elaborando perguntas e mais perguntas que cheguei ao problema que me move nesta pesquisa: o formador pode ampliar a capacidade de pensar e dizer utilizando a linguagem artística, mais especificamente as imagens como mediadoras dos processos de pensamento e linguagem?

Franco (2007) define linguagem como

uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação.(2007,p.13)

Assim, as imagens serão abordadas como parte integral do pensamento, ou seja, elas representarão, comunicarão, dirão algo que, no encontro com a palavra dita e escrita, poderão ressignificar concepções e criar um novo jeito de dizer, um jeito mais integrador dos pensamentos, sentimentos e reflexões. Mas, como promover esse encontro de linguagens?

O "jogo" de uma pesquisa parece sempre remeter os pesquisadores a se perguntar: o quê? Por quê? Como? Diante das questões ou do emaranhado de perguntas, fazemos escolhas teóricas, pesquisamos métodos e nos expomos a buscar sentidos no conhecimento construído e, nessa busca, encontramos muitos não-sentidos, nos vemos imóveis, muitas vezes, diante do problema e, quando

encontramos um autor que nos *dá aquela leitura*, aquela idéia que estávamos precisando, avançamos um pouco mais até encontrarmos novas perguntas e novamente o sentimento de imobilidade e novamente o encontro... assim é uma pesquisa: o esforço de ler, entender, articular e ter o que dizer.

Mas voltando à última pergunta (como promover esse encontro de linguagens?), esta pesquisa, ainda em fase preliminar, utilizou-se de instrumentos para dar conta deste “como”. São eles:

- Relatos de fragmentos autobiográficos em que a palavra foi “dada a escrever e ler”,
- *Portfólios* de imagens, em que os sujeitos, movidos pela consigna *que imagens me representam como formador* puderam viver o esforço de dizer sem que a palavra fosse protagonista da situação, mas que ao mesmo tempo pudesse desvelar o protagonismo de novas palavras, e
- Entrevista desvelando o discurso, resultado de uma combinação da palavra e da imagem, em que se poderá notar pistas de uma linguagem mais integradora dos sujeitos.

Sobre as bases teóricas e metodológicas desse processo, discorro nos capítulos que seguem. Bases teóricas resultantes de diversos encontros que me trouxeram até aqui. Muitas delas estudadas nas disciplinas cursadas, nas atividades complementares em que participei; outras no grupo de pesquisa Roda Línguas, outras, ainda, indicadas por pessoas que encontramos no caminho e outras tantas da busca conjugada e compartilhada entre pesquisador-orientador

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA ou QUEM PASSARÁ COMIGO NESSE CAMINHO LABIRÍNTICO?

1.1. Formação de professores/educadores: no labirinto das palavras: entre a conformação e a formação.

Entre quem dá e quem recebe, entre quem fala e quem escuta, há uma eternidade sem consolo... (JUARROZ in Larrosa, 2004:15)

Essa citação me inspira reflexões sobre a formação continuada de educadores. Que eternidade é essa que pode existir entre quem forma e é formado? Como o formador pode diminuir a distância comunicativa na relação com os professores? Que linguagens são colocadas em jogo para que se estabeleça a relação comunicativa entre formador e professores? Por que adjetivar de “formativo” esse espaço? Existe, então, espaço que não o seja? Que pressupostos regem espaços formativos e não-formativos?

O terreno da formação de docente – inicial e continuada – favorece muitas reflexões, no entanto, neste texto, a escolha foi articular idéias em relação à formação continuada, muito embora a formação inicial mereça atenção e empenhos no encaminhamento e superação de alguns entraves.

Assim, em relação à formação continuada, a partir da década de 1990, o debate sobre a formação continuada tomou força em função das reformas educacionais e das discussões sobre as competências para o ofício docente.

Segundo o Comped³, 2001, a formação continuada:

Deve ser encarada não como substituta de uma formação inicial precária, mas como exigência do caráter dinâmico do conhecimento e da sociedade contemporânea. No Brasil, a formação de professores acontece por meio da formação inicial e da formação continuada ou em serviço.

³ Comitê dos Produtores da Informação Educacional. Disponível em www.inep.gov.br/comped/

Marli André, doutora em Psicologia da Educação e, atualmente, professora/pesquisadora do curso de pós-graduação em educação da PUC de São Paulo, autora de diversos livros e artigos sobre formação de professores, tem se dedicado a essa temática, analisando dados sobre as teses e dissertações produzidas em cursos de pós-graduação em educação de algumas universidades brasileiras. Em seu texto, intitulado *Estado da Arte da Formação de Professores no Brasil* (1999), a autora aponta, com base na análise das dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em educação do país, de 1990 a 1996, dos artigos publicados em 10 periódicos da área, no período 90-97, e das pesquisas apresentadas no Grupo de Trabalho Formação de Professores da Anped, no período de 92 a 98, que:

(...) Embora as dissertações e teses sobre formação continuada não sejam muito expressivas em termos numéricos, elas o são do ponto de vista da abrangência e dos conteúdos investigados, pois cobrem diferentes níveis de ensino, contextos variados, meios e materiais de ensino diversificados. Apesar disso, muitas indagações sobre aspectos abrangentes da formação docente ainda merecem maior atenção, como por exemplo, que processos e práticas de formação seriam mais efetivos no contexto atual da educação brasileira (...)?

Um novo estudo sobre o estado da arte da formação de professores, realizado por Roberta Rotta Messias de Andrade orientada da prof^a Marli André no curso de Mestrado em Educação da PUC-SP, concluído em 2006, analisou teses e dissertações, no período de 1999 a 2003, produzidas em cursos de pós-graduação nas universidades brasileiras, comparando os resultados encontrados com os dados levantados anteriormente pela sua orientadora.

Segundo André (2000), no período de 1990 a 1998, foram defendidas 6.244 dissertações e teses em 37 programas de pós-graduação em educação no Brasil, sendo 410 (6%) sobre a formação de professores. Já de 1999 a 2003, a produção na área de educação em 58 programas passou para 8280, das quais 1184 (14%) abordaram o mesmo tema. Das 410 dissertações e teses sobre a formação de professores entre 1990 a 1998, 295 (72%) focalizaram o tema da formação inicial; 73 (17,8%) abordaram como foco de pesquisa a formação continuada e 42 (10,2%) do tema identidade e profissionalização docente.

De 1999 a 2003, o maior número de trabalhos diz respeito ao tema de

menor interesse na pesquisa anterior, ou seja, identidade e profissionalização docente passaram a ter um enfoque maior – 481 trabalhos correspondendo a 41% do total. A formação inicial e a formação continuada tiveram praticamente os mesmos índices – 22% cada uma. Temas como políticas de formação começam a aparecer em estudos recentes ainda em número inexpressivo – 3% e outros temas não especificados pela autora somam 9% da produção total.

Diante desses índices, podemos concluir que, em cinco anos, houve uma mudança no foco de interesse e reflexão sobre a formação do professor. Da ênfase à formação inicial passou-se a apostar na formação continuada do professor no exercício de seu ofício e na construção de sua identidade profissional.

Em relação a esses aspectos, Pimenta (2000) explica a relevância do enfoque atual:

Uma identidade profissional se constrói (...) também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. (2000, p.19)

Na pesquisa de André (2000), a autora nos convida a pensar em quais processos e práticas de formação seriam mais efetivas no contexto atual da educação. Andrade (2006) avança nessa questão apontando que as teses e dissertações do período em que analisou sinalizaram a emergência da racionalidade prática que pressupõe a reflexão sobre a prática como um caminho a ser percorrido. A autora questiona: será esse mais um modismo? Será que o predomínio dessa abordagem indica possibilidades de fortalecer a relação teoria e prática?

Participando de um projeto de formação continuada de professores, no período de 2001 a 2007, na rede escolar SESI-SP, presenciei, no discurso dos educadores, expressões como: *professor crítico-reflexivo, participativo, processo dialógico e dialético, reflexão da, sobre e na ação* etc., resultado das influências das teorias de Schön (1992), Pérez Gómez (1992), Zeichner (1993), Garcia (1994), Tardif (2002) entre outros. Apesar da importância dos conhecimentos produzidos por esses autores na superação de práticas formativas, centradas em habilidades

técnicas que desvalorizam o professor como profissional, as expressões citadas tornaram-se recorrentes nos discursos pedagógicos sem uma cuidadosa reflexão de seus conceitos e desdobramentos práticos, esvaziaram-se de sentido.

Temos assistido a fatos parecidos em educação, como foi o caso do construtivismo na alfabetização que gerou diferentes equívocos metodológicos, implicando diretamente na aprendizagem de meninos e meninas das séries iniciais do ensino fundamental. Falas como “*agora não se corrige mais*”, “*a criança tem que escrever do jeito que ela sabe*”; “*o professor não pode ensinar*”, “*a criança tem que descobrir sozinha*”, entre outras, veiculavam nas salas de aulas e nos cursos de formações, reduzindo uma proposta séria, pautada em importantes pressupostos teóricos, “deformando-a” em procedimentos “técnicos” que a empobreceram e, pior, causaram o fracasso escolar de muitas crianças.

Não obstante, vale lembrar que a educação, assim como o diverso campo das ciências humanas, é enredada por diferentes fatores interdependentes e quase sempre subjetivos, logo, somente uma interpretação, um ponto de vista, não dá conta de explicá-lo. A complexidade é premissa da formação de professores/educadores e, assim sendo, avanços e retrocessos devem ser considerados em todo processo como forma de potencializar reflexões e compreensões.

Até aqui, os meus propósitos foram destacar o crescente interesse de pesquisadores sobre a temática da formação continuada de professores/educadores e ressaltar que as discussões atuais visam à superação de uma lógica transmissiva e à visão de um professor como mero aplicador de diretrizes.

Por outro lado, o esforço de superação gera novas necessidades que impulsionam novas reflexões e assim por diante. Nessa busca, a questão proposta por André, em 2000, atualiza-se: *que processos e práticas de formação seriam mais efetivos no contexto atual da educação brasileira?*

Longe de responder tal questão, pretendo refletir sobre ela, buscando novas formas de pensar e olhar a formação dos professores. Assim, proponho pensar sob outro prisma, na interface da discussão, *o da formação do formador de*

professor.

Quem é esse sujeito que, supostamente, forma o professor? Será que o mesmo sujeito, ao invés de formar e transformar, ele “enforma”, conforma e até mesmo deforma o outro? Será mesmo que alguém pode formar o outro “para o bem” ou “para o mal?”. Para pensar sobre essas questões, vale lembrar as palavras certeiras de Paulo Freire (2001):

(...) a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. (2001, p.91):

É impossível passar pela reflexão do mestre Paulo Freire sem ter um “pasma reflexivo”. Aquele momento em que se interrompe a frenética costura das idéias, suspende-se à escrita, levanta a cabeça e olha ao longe, totalmente atravessada pelas suas idéias, as quais me levam, nesse momento, a pensar nas concepções que fundamentam os modelos de formação.

De acordo com o autor, a formação é muito mais um *formar-se com o outro* do que *formar o outro*. Trata-se de um esforço singular de atribuição de sentidos do que se aprende/ensina nesses espaços.

A frase “*exige reinvenção*”, de Freire, deixa-me intrigada por sua complexidade. Assim, deixarei “pendurada” nesse texto para, no momento que eu me sentir segura, tomá-la pelas minhas palavras.

Reportando-me às questões do primeiro parágrafo do texto, busco situar os modelos de formação que podem indicar espaços não-formativos e outros que permitem adjetivá-los como formativo.

Nóvoa (1992) resume em esses modelos em dois: o *estrutural* que se fundamenta na racionalidade técnico-científica, em que o processo de formação se organiza com base numa proposta previamente organizada, centrada na transmissão de conhecimentos e informações de caráter instrutivo. Oferece projetos por agências detentoras de potencial e legitimidade informativa, exterior aos contextos profissionais dos professores em processo de formação e possuem

controle institucional de frequência e desempenho. O outro é o *construtivo* que parte da reflexão interativa e contextualizada, articulando teoria e prática, formadores e formandos. Prevê avaliações e auto-avaliações do desempenho dos envolvidos, mas essas podem ter um caráter informal. Implica uma relação em que formadores e formandos são colaboradores, predispostos aos saberes produzidos em ação. O contexto é de cooperação em que todos são co-responsáveis pela resolução dos problemas práticos. É comum o uso de grupos focais, oficinas, dinâmicas de debates, além de exercícios experimentais seguidos de discussões.

A partir dessas considerações, podemos dizer que, de forma geral, existem duas abordagens teóricas que fundamentam a formação dos professores: a *técnica e a reflexiva*.

A discussão sobre essas duas abordagens trouxe significativas contribuições na construção de conhecimentos sobre os modelos de formação. Ao explicitar as bases conceituais sobre cada uma delas, foi e ainda é possível distinguir objetivos que se pretende atingir num projeto de formação.

Na primeira, técnico-científica, situada numa perspectiva prescritivo-transmissiva, a técnica é o centro do processo. Assim, espera-se que o sujeito participe do espaço de formação para colocar em prática aquilo que o formador “supostamente” ensinou tal qual lhe fora apresentado, na crença que isso seja possível, já que cada um aprende do lugar que ocupa com os conhecimentos que possui e na interação com os outros. No entanto, isso não é levado em consideração nesse modelo.

Na segunda, a reflexiva, entende-se que o sujeito “aprendente” é o centro do processo formativo. Por meio de situações problematizadoras, é convidado a refletir, juntamente com o formador sobre as questões de forma crítica e reflexiva.

Desse modo, podemos entender que a segunda é um esforço de superação da primeira. O debate em relação a essas duas abordagens é bastante vasto e seria possível, com a ajuda de diversos autores que as discutem

competentemente, trazer para este texto diversos outros exemplos para explicitar a divergência entre uma e outra, mas a opção aqui é outra.

A partir das reflexões trazidas no texto de Larrosa (2001) *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, escolhi trilhar com ele esse labirinto de idéias sobre a formação buscando novos caminhos. Considerei pertinente a metáfora do labirinto para dar a dimensão da complexidade das idéias sobre a formação de educadores, pois o esforço da busca é muito mais valioso que encontrar uma saída, até porque, no meu labirinto, não existe uma só. É nesse contexto que o autor propõe,

que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par *experiência/sentido*. (LARROSA, 2001)

1.2. Relatos de fragmentos autobiográficos: um caminho para a *reinvenção*.

O que pode significar um modelo de formação que coloque no centro do processo a experiência do sujeito? O que é ter experiência? Por que o autor atrela a palavra *experiência* à palavra *sentido* compondo um par dialético como ele mesmo caracteriza. Seria isso uma pista?

Foi movida por estas questões que busquei também em Dewey algumas respostas. Para começar a trilhar esse caminho, retomei as discussões das aulas de Fundamentos sobre o ensino e aprendizagem de arte e, em especial, o texto *“Tendo uma experiência”*. Segundo Dewey, *“o processo experiencial implica a articulação conscientemente elaborada da ação, da afetividade, da sensibilidade e da ideação”*

Para Larrosa (2001),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que nos acontece ou o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.

Articulando os dois conceitos, podemos observar a coerência entre ambos, principalmente na dimensão integradora da experiência, não como uma

mera atividade pela qual o sujeito passa, mas algo que se passa com o sujeito, permitindo-lhe tomar contato com seus conhecimentos, sentimentos, experiências vividas para então agir, sentir e pensar conscientemente.

Larrosa (2001) discorre sobre alguns aspectos que impedem a *experiência*: informação como sinônimo de conhecimento; excesso de opinião/informação; falta de tempo, excesso de trabalho; falta de silêncio, de interrupção. Segundo ele,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nesse pensamento, a idéia do sujeito “*permitir-se*” é bastante presente também na concepção de Dewey, pois, para esse autor, o significado de experiência está atrelado à idéia de poder pensar sobre algo, debruçar-se, submergir, idealizar, planejar, contar com o já vivido, com os saberes construídos, concluir idéias, não como algo definitivo, mas como algo que se movimenta, que está vivo. Para ele, o que importa não é a cessação, o ponto final, mas ter produzido conhecimento, sistematizado, para então, poder questioná-lo e integrá-lo ao repertório de experiências. Trata-se, pois, de um processo de atribuição de sentido da ação. Eis aqui, no meu entendimento, a superação da dicotomia processo-produto – muito mais que chegar a algum resultado ou viver o processo sem a preocupação da finalização. Dewey aponta a importância da relação que se estabelece entre *processo e produto*, assim como Larrosa organiza o par dialético experiência/sentido. Penso, ainda, que tanto o produto de Dewey quanto o sentido de Larrosa são provisórios e estão em crescente movimento de construção e (re) construção.

Agora, retomo a palavra *reinvenção*, de Paulo Freire, a que deixei “pendurada” no texto. Como o espaço da formação pode se configurar em espaço

de reinvenção? Poderá o professor e o formador reinventarem-se na relação formativa? Que modelo de formação poderia ter como foco a experiência do sujeito?

De acordo com as idéias de Larrosa (2001):

(...) Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.

Nessa perspectiva, o formador na abordagem experiencial é o formador que não tem resposta para tudo, porque não detém o conhecimento; é um formador que valoriza o silêncio, não o silêncio que cala, mas o silêncio que pensa, sente e precisa de tempo/espaço para acontecer. O sujeito-formador da experiência pode ainda ser assim definido:

(...) não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. (ibid, 2001)

A idéia de passividade do autor nada tem a ver com o par ativo/passivo, explica ele, mas com a idéia de um sujeito disponível. E, como faz sentido essa idéia na constituição do sujeito que “forma”? O quanto ele “é” ou “está” ou “se vê” disponível para escutas atentas, para acolher pontos de vista, relacionar conteúdos da formação aos saberes práticos dos professores? Isso para o autor é o que ele chama de exposição, de estar exposto “*com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco*”.

Estar, assim, aberto é *tombar-se* para o outro. É saber lidar com os saberes e não-saberes dos outros e de si mesmo. Nesse sentido, reitero minha questão: pode haver um modelo de formação que favoreça essa condição?

Marie-Christine Josso, professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, doutora em Educação, autora do livro

Experiências de Vida e Formação, propõe uma abordagem de formação experiencial onde segundo ela:

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar sobre si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. (...) é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural. (2004, p. 48)

Em sua obra, a autora utiliza a imagem “caminhar para si”. Para ela, a formação é uma

(...) viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstruir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos... (ibid, p.48)

A formação como viagem que a autora aborda diz respeito a uma interação sujeito-percurso, ou seja, a formação é mais que um caminho a ser trilhado por alguém, mas alguém que constrói o percurso na própria ação de caminhar.

A perspectiva autobiográfica não se configura, nessa pesquisa, como metodologia nem tão pouco será foco de investigação e aprofundamento, apesar de reconhecer a importância dessa abordagem em processos de formação de adultos.

Aqui, a perspectiva autobiográfica será impulsionadora do dizer/pensar sobre si mesmo, visando dar lugar às palavras e aos sentidos atribuídos ao percurso profissional ou, mais especificamente, como o formador pensa a sua própria constituição. Dessa forma, a autobiografia será um meio de “deixar vir a palavra” no relato de fragmentos autobiográficos e na entrevista mediada por imagens, também autobiográfica. Assim, o esforço é tomar contato e refletir sobre como o formador de professores diz e “se diz” em relação ao seu ofício, que palavras são acionadas pelo seu pensar e que pensamentos são acionados pelo seu dizer.

A hipótese é que as palavras do discurso de formadores estão “contaminadas” por um discurso-outro, como, por exemplo, o da instituição que eles

atuam, das teorias vigentes, dos espaços acadêmicos, entre outras influências, que nem sempre faz sentido a ele mesmo.

Diante disso, então, o que pode desvelar o discurso pronto do formador para que ele mesmo possa se perceber no processo? O que pode trazer a tona novas palavras para significar o processo de formação e autoformação? Como as imagens podem ajudar o formador a construir um novo texto, mais autoral, com qualidade experiencial e, portanto, com maior sentido?

Para tanto, a rota da viagem a ser realizada na busca de algumas respostas para as minhas questões seguirá as pistas apresentada por Bolivar (2002, p. 180-1) quando discorre sobre os diferentes usos das histórias de vida em ciências sociais a partir dos estudos de Pineau e Le Grand (1993, p.112), distinguindo em sete as categorias de relatos de vida, a saber:

- a) *Relatos de práticas limitadas no tempo*: nesse caso, o pesquisador se interessa apenas por um evento situado num tempo preciso.
- b) *Seqüências biográficas*: vários momentos da vida vão-se inserindo numa cronologia pessoal.
- c) *Entrevistas biográficas ou relatos biográficos*: a pessoa entrevistada conta a sua vida profissional ou familiar e o pesquisador induz e reorganiza os elementos para articular numa relação entre eles.
- d) *Auto-apresentação ou mini-história de vida*: pessoas que falam sumariamente do conjunto de sua vida, fazendo um breve relato da totalidade de sua vida
- e) *História de vida social*: o relato comporta várias entrevistas durante as quais o narrador assume o seu papel como tal e vai relatando, avaliando e comparando os acontecimentos de sua vida, buscando uma ordem entre eles.
- f) *Reconstrução biográfica*: o pesquisador faz uma reconstrução a partir de diversos documentos e de relatos de vida do tipo a,b,c.

g) *Auto-bio-grafia*: é a escritura pessoal de uma parte ou da totalidade da biografia pelo próprio autor, com o que se elimina a necessidade do ouvinte/entrevistador.

O relato e a entrevista a partir de fragmentos autobiográficos adotados nesta pesquisa ancoraram-se principalmente nas categorias *a*, *b*, *c* e *g*, pois o foco refere-se a uma parte específica da vida do sujeito, ou seja, o interesse é como ele vê/diz/ representa o seu percurso de formador e os sentidos atribuídos ao seu fazer, evidenciando todo o esforço empreendido na utilização de palavras e imagens.

1.3 Relatos e imagens emergindo sentidos no percurso do labirinto da formação: um impulso para caminhar

O viajante é o mestre do negativo: não ensina nada, não convida a ser seguido, simplesmente dá a distância e o horizonte, o “não” e o impulso para se caminhar. (g.n). (LARROSA,2005: p.60)

2ue “línguas” usamos para formar? Que meios utilizamos para dizer o que pensamos? O que pensamos enquanto dizemos e como traduzimos os pensamentos e os sentimentos?

Por linguagem entendemos

(...) gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação (...), todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje enorme difusão. (SANTAELLA, 2007 p.11)

Se linguagem é toda forma de comunicação que produz sentido, onde estão as outras “línguas” nos espaços formativos de educadores? Por que há um predomínio da palavra? Ou melhor, por que o predomínio das mesmas palavras? Como as palavras podem fazer emergir novos sentidos ao ofício de formador de professores? O que fazer para que haja espaço para novas palavras? Na verdade, a idéia não é acabar com o uso das palavras, mas potencializá-las de originalidade, de criatividade, de sentido ou como diz Larrosa, “*que as palavras caibam na boca do formador*”.

Segundo referencial vigotskiano, o que nos torna humanos é a capacidade de utilizar instrumentos simbólicos. Essa foi a forma que Vigotski usou para dizer que nós humanos somos seres de linguagem.

Na introdução da 3ª edição do livro *Pensamento e Linguagem*, Bruner (2005) afirma que *“é a interiorização do diálogo externo que leva o poderoso instrumento da linguagem a exercer influência sobre o fluxo do pensamento. O homem, continua ele, é modelado pelos instrumentos e ferramentas que usa, e nem a mente nem a mão podem, isoladamente realizar muito.”*

Numa abordagem mais ampla do ponto de vista do conceito de linguagem, podemos dizer ainda que, seguindo o pensamento do autor, nem as mãos, mas também nem os olhos, nem o ouvido ou qualquer que seja o canal de percepção do mundo podem produzir algo isolado da mente. Nesse sentido, o referencial de Dewey também cabe nessa reflexão, já que para ele perceber é ação/experiência dotada de significação.

Santaella (2007) contribui com essa discussão:

Nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. (ibid, p.10)

Nesse sentido, palavras e imagens podem ser compreendidas como instrumentos mediadores de sentidos e significados; dois amplos mundos que se articulam, que coexistem na odisséia da interação do homem com ele mesmo e com os Outros.

Reside aqui outro conceito vigotskiano – o da mediação. Isso significa que o sujeito, no processo de aprendizado de um determinado objeto de conhecimento, não estabelece uma relação direta com ele, mas sempre mediada pelos Outros. O conceito de “outros” para Vigotski é aquele que media, que está entre e não é necessariamente outra pessoa, mas qualquer elemento cultural que a

ele signifique algo e que, a partir dessa significação, possa produzir novos conhecimentos.

Sobre mediação nos tempos atuais, Martins (2003) esclarece que,

(...) a mediação ganha hoje um caráter rizomático, isto é, num sistema de inter-relações fecundas e complexas que se irradiam entre o objeto de conhecimento, o aprendiz, o professor/monitor/mediador, a cultura, a história, o artista, a instituição cultural, a escola, a manifestação artística (...) (2003, p.56)

Mas voltemos à questão da palavra, que nesta pesquisa é tomada como processo e como produto. Processo porque ela media a interação do homem em relação ao conhecimento e produto porque, ao ser ela mediada pela imagem, pode revestir-se de novos sentidos.

Vigotski (2005,p.151) diz que *“o significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento.”*

Retomando a idéia da palavra-processo e da palavra-produto de inter-relações, proponho a reflexão sobre as outras formas de comunicação, de expressão de pensamento que podem “ressignificar” as palavras, como, por exemplo, as imagens que, em especial no mundo atual, manifestam-se em diferentes contextos, comunicando ou provocando o sujeito a estabelecer algum tipo de relação com elas.

De fato não há como negar, as imagens estão por toda parte, mas o quanto podemos vê-las? Com que qualidade as vemos? Bosi (1990:79) define que *“situar o olhar, histórico e psicanaliticamente é descrever não só seus limites, as suas determinações objetivas, mas também sondar a qualidade complexa da sua intencionalidade.”*

Nesse sentido, não se trata de simplesmente “ver”, mas, sim, de

relacionar com as possibilidades de alcance da visão. Portanto, é mais que uma ação do organismo em captar os elementos que compõem as imagens (cores, movimentos, texturas, forma e tamanho etc.). Trata-se, pois, de algo que ultrapassa o físico e invade um mundo subjetivo feito de idéias, reflexões, conhecimento, sentimento, linguagem.

Zamboni (1998,p.54) apud Pillar(2003) ressalta que

o ver não diz respeito somente à questão física de um objeto ser focalizado pelo olho, o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado.(2003,p.73)

Diante dessas reflexões, a questão desta pesquisa se faz presente novamente: inserir a imagem como linguagem em processos formativos de formadores de professores pode ampliar as condições de pensar e dizer sobre seu ofício?

CAPÍTULO 2 – A PESQUISA E SUA METODOLOGIA OU PREPARANDO UMA VIAGEM...

(...), a viagem exterior se enlaça com a viagem interior, com a própria formação da consciência, da sensibilidade e do caráter do viajante. (LARROSA, 2004:53)

A citação escolhida para abrir o capítulo diz muito sobre a natureza desta pesquisa: refere-se a indagações como *viagem interior*, *consciência*, *sensibilidade*. Sem dúvida são questões subjetivas e é justamente com essas que a pesquisa irá se debruçar, portanto, se há um conceito a ser esclarecido preliminarmente, é o da *pesquisa qualitativa*.

A abordagem qualitativa das pesquisas científicas em ciências humanas pode ser compreendida como uma resposta à complexa realidade dos fenômenos sociais. Situada entre as ciências humanas e sociais, o estudo dos problemas educacionais é influenciado por esse tipo de abordagem, porque, em se tratando de pesquisa em educação, são inúmeros os fatores e variáveis a serem considerados num contexto de coexistências.

(...) em educação as coisas acontecem de maneira tão inextricável que fica difícil isolar as variáveis envolvidas e mais ainda apontar claramente quais são as responsáveis por determinado efeito. (LUDKE & ANDRE, 1986, p. 3)

O fato de considerar os limites em se tratar os dados e as informações, descolados da malha de relações pertinentes ao objeto estudado, não significa que, na pesquisa qualitativa, não haja rigor metodológico, ao contrário, o fato de lidar com subjetividades mais que objetividades exige do pesquisador colocar em jogo procedimentos metodológicos que garantam a produção de conhecimento científico. Assim, o esforço empreendido nas pesquisas qualitativas é o de produzir conhecimento a partir de um problema, levantar dados, evidências, informações, confrontá-los buscando o suporte teórico acumulado sobre o assunto, ou seja, o compromisso com a produção de conhecimento.

Outra característica da pesquisa qualitativa é a de incluir o pesquisador

no processo da pesquisa, isto é, ele é sujeito da pesquisa. Os fatos, os dados não são revelados de forma neutra aos olhos do pesquisador. É a partir de suas indagações, perguntas, suspeitas que ele trabalha os dados obtidos e busca fundamentações teóricas, pautadas em um posicionamento político, reunindo, desse modo, pensamento e ação no esforço de conhecer algum aspecto da realidade.

Nesse sentido, a pesquisa aqui empreendida é qualitativa e justifica-se por algumas características, segundo Bogdan e Biklen (1982 in Lüdke, 1986):

- a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- os dados coletados são predominantemente descritivos;
- a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo;
- o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial dessa pesquisa.

Agrega-se à última característica acima citada a perspectiva autobiográfica que será abordada nesta pesquisa como uma via privilegiada para a atribuição de sentidos dos sujeitos participantes e do pesquisador sobre a história de seu próprio ofício ou como diz Josso (2004) “caminhar para si”. Em suas palavras nos explica:

(...) atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um. (2004, p. 58)

As idéias de Josso (2004) me inspiraram a investir no relato e na entrevista de fragmentos autobiográficos como gêneros textuais, conforme explicado no capítulo anterior, permitindo ao sujeito escrever e dizer sobre sua história de formador.

Segundo a autora, a autobiografia é por si só uma metodologia de

pesquisa, perspectiva essa que não será tomada nesta pesquisa. No entanto, será a de possibilitar pensar sobre si mesmo e escrever a história pessoal, mesmo que seja de um fragmento, o que já se constitui uma ação revestida de sentido para o sujeito, pois, cabe a ele relembrar, trazer na memória, escolher trechos que melhor contem sobre si mesmo e de revisitar acontecimentos marcantes.

A vivência de uma situação de relato de fragmento autobiográfico sobre meus encontros e desencontros com a arte, na disciplina *Fundamentos de Ensino e de Aprendizagem da Arte* ministrada pela Prof^a Luiza, ainda como aluno especial, fez-me pensar sobre a possibilidade de ser um instrumento que, além de fazer emergir a palavra, poderia emergir também dimensões mais integradoras do sujeito: seus pensamentos, sentimentos, idéias, reflexões, vivências, enfim, sua história. Bolívar (2002, p. 175) diz que *“uma formação que queira incidir significativamente sobre a vida não pode ser alheia à apropriação do trajeto de cada adulto.”*

Assim, ancorada em uma experiência pessoal na qual fez muito sentido para mim, deparei-me com reflexões novas a partir de fatos antigos, atualizando-os em novas situações vividas e novos conhecimentos produzidos. Eu era também um sujeito da minha própria pesquisa.

Nesse sentido, podemos dizer que a vida pulsa na pesquisa qualitativa na medida em que elementos de diferentes naturezas da dimensão humana emergem e vão dando, ou não, sentido aos conhecimentos, às hipóteses. Na opinião de Lüdke & André (1986, p.2), Pedro Demo (1981) *soube muito bem caracterizar a dimensão social da pesquisa e do pesquisador, mergulhados que estão naturalmente na corrente da vida em sociedade, com suas competições, interesses e ambições, ao lado da legítima busca do conhecimento científico.*

De posse dessas considerações, parti em busca de sujeitos e instrumentos que me impulsionassem na busca por algumas respostas às minhas hipóteses iniciais: *Como as imagens ajudam a pensar e a dizer? Na interpretação da imagem e de si mesmo o formador encontrou novas palavras para o discurso formativo?*

2.1 Na bagagem da viagem: uma experiência detonadora de reflexões, os sujeitos e os instrumentos em ação/reflexão.

O grupo que escolhi pesquisar é formado por analistas pedagógicos, pertencentes a uma das quatro áreas que compõem a Gerência de Educação Básica da Diretoria de Educação Básica do SESI-SP – área de metodologia de ensino das áreas de conhecimento. Nessa área, cumpri, até fevereiro de 2008, o papel de supervisora e atuei com a maioria dos analistas desde 2001. Periodicamente, organizava reuniões formativas em que discutíamos questões pertinentes aos processos de formação dos professores, com especial atenção aos pressupostos e procedimentos pedagógicos que regem a relação de ensino e de aprendizagem.

Ao serem questionados sobre sua disponibilidade para a pesquisa, todos se mostraram receptivos e concordaram em participar. Nesse primeiro momento, expliquei, em linhas gerais, por onde passaria a minha pesquisa sem muitos detalhes para não correr o risco de explicitar minhas razões e hipóteses a fim de não induzi-los.

Propus a idéia de elaborar relatos de fragmentos autobiográficos como primeiro instrumento de pesquisa e busquei fundamentar minhas razões informando a principal bibliografia utilizada na pesquisa – o livro *Experiências de Vida e Formação* de Marie-Christine Josso, também alguns conceitos básicos relacionados ao assunto, especialmente a idéia de que a narrativa de vida serve, em primeira instância, ao sujeito-autor da narrativa, ou seja, ajuda o analista ver seu próprio processo de constituição – daí sua dimensão autoformativa. Dessa forma, cabe a ele refletir o que e por que escolheu contar ou omitir determinados fatos, acontecimentos e reflexões. Esclareci que esse conteúdo não seria objeto de meus estudos e que, portanto, seguiria outros caminhos: o caminho da linguagem – como dizemos e pensamos sobre nós e sobre nosso ofício.

Prosseguindo, a consigna dada para que os sujeitos escrevessem sobre si mesmos foi a seguinte: *Como se chega a ser o que é*. A idéia nasceu da leitura do livro *Nietzsche e a Educação* de Jorge Larrosa. Foi lendo o capítulo *Como se chega a ser o que é. Para além da Bildung* que me inspirei em organizar tal instrumento. O

texto soou e ecoou como uma voz a me perguntar repetidas vezes: como se chega a ser que é? Fez-me pensar como me constituí formadora de professores, por quais experiências passei, que pensamentos e sentimentos me habitaram nesse percurso.

A princípio o grupo reagiu com estranhamento diante da consigna. Percebi que não havia passado por uma vivência igual ou similar a esta que estava sendo apresentada. O grupo sugeriu que eu entregasse modelos de narrativas, então, esclareci que a idéia era cada um escrever sobre si mesmo do seu jeito o que escolheu, com os traços de originalidade e singularidade, já que meu principal objetivo era “deixar vir as palavras” e, portanto, não havia intuito de empreender uma pesquisa autobiográfica.

Estabeleci um prazo de entrega do instrumento de pesquisa e, durante o processo, alguns me disseram o quanto estavam gostando da experiência, que não haviam percebido que certos acontecimentos tinham sido tão importantes; outros falaram da emoção de recordar, buscar na memória incidentes críticos, ou seja, passagens alegres, tristes e de poder revisitar os sentimentos, agora de outra forma: o presente olhando o passado. Para Bolivar (2002)

(...) refletir sobre experiências significativas (quer se trate de experiências formativas ou de incidentes críticos pessoais ou profissionais) pode possibilitar assumi-las, controlá-las, como prática do passado que chegaram a constituir-se em hábitos e ao mesmo tempo revelar dimensões que devam ser mudadas.(2002,p.178)

O segundo instrumento denominado “Portfólio Imagens de mim”, seguiu a mesma linha do primeiro no que diz respeito a dizer sobre si mesmo, mas agora utilizando a imagem como mediadora desse dizer ou como dizer sem que a palavra seja a única protagonista do discurso. Esse instrumento foi acompanhado de um terceiro - a entrevista semi-estruturada com cada participante, que se desenrolou a partir de um roteiro com as seguintes questões: *O que as imagens contam sobre a sua história de formador? Como foi elaborar este portfólio? Ou Como foi dizer por meio das imagens? Que percurso utilizou para selecionar as imagens? Como foi o processo de escolha e organização das mesmas?*

Em relação ao segundo instrumento – o uso da imagem na organização do pensamento e do discurso _ , os sujeitos já tinham passado por experiência

similar na ocasião de algumas reuniões de grupo de metodologia que eu promovia como supervisora.

Em uma das reuniões, espalhei sobre a mesa algumas imagens de forma proposital em relação às metáforas mais comuns na representação do assunto a ser discutido e outras imagens que pouco aparecem nas falas dos formadores. Por exemplo, a *teia* (imagem 8) é comum nos discursos de especialistas de educação para representar a aprendizagem que não se dá linearmente, mas por relações estabelecidas; outra é a *luz* (imagem 4) quando se quer representar o conhecimento, ou seja, “a teoria ilumina a prática, portanto conhecimento é luz”. Nas outras imagens escolhidas por mim busquei um contraponto nessas representações usuais que já vêm com o discurso pronto, como é o caso das imagens 1,2, 7 e 9.

A seguir, as imagens que utilizei com os formadores:

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9.



Diante das imagens, solicitei que escolhessem uma que tivesse relação com o processo ensino e aprendizagem, ou seja, o que eles podiam dizer sobre o que caracteriza tal processo, concepções que regiam o pensar do grupo, idéias associadas à relação ensino e aprendizagem.

Como mais de um escolheu a mesma imagem, organizei-os em subgrupos para que compartilhassem uns com os outros suas representações e cada um pôde explicar suas razões na escolha da imagem e que relações estabeleceu com o assunto proposto.

O assunto em questão _ “processo ensino e aprendizagem” _ foi propositalmente escolhido pelo fato de ser um assunto muito debatido entre os integrantes do grupo de metodologia já que cabia a eles a tarefa de sistematizar idéias sobre a temática, na forma de documentos orientadores destinados para o restante da equipe ou para os professores da rede. Sendo um assunto muito discutido, o discurso empregado demonstrava sinais de desgaste, como por exemplo:

“O aluno aprende quando é desafiado por isso é imprescindível o procedimento metodológico da problematização”.

“Para que o aluno aprenda o professor deve mobilizar o aluno para o conhecimento”.

“Ao professor, cabe planejar situações de aprendizagem a partir dos conhecimentos prévios dos alunos.”

As representações acima pontuadas demonstram o quanto o pensar/dizer dos formadores estava estagnado em um discurso que se preocupava em repetir o que teorias encontradas nos livros e artigos estudados pela equipe.

A despeito de haver fundamento nas idéias sobre o processo ensino e aprendizagem porque, de fato, o aluno aprende de forma significativa quando é desafiado a pensar e resolver problemas e desse modo, pode levantar hipóteses interessando-se, cada vez mais pelo conhecimento, o jeito de dizer, isto é, as frases prontas e as palavras “pedagogicamente” corretas pareciam (e parecem) não comunicar muito com a prática dos professores, que, seguindo o modelo dos formadores, repetiam também as mesmas palavras quando questionados sobre algum assunto relacionado à sua prática.

A experiência de pensar/dizer mediada pela imagem vivida com a equipe me inquietou porque pude ver o esforço de cada um dos analistas dizer, procurando novas palavras e, portanto novas formas de pensar. Então, comecei a questionar mais ainda como a imagem pode ajudar a desconstruir o discurso dito pedagógico, dando lugar a novos sentidos. Hernandez (2007, p. 22), citando Hall (1997, p.28), explica que

a representação é a produção de sentido por meio da linguagem e, nesta produção, utilizamos signos para simbolizar, fazer referência a objetos, pessoas ou eventos do chamado mundo real. Mas também podem ser feitas referências a coisas imaginárias, a mundos fantásticos ou idéias abstratas que não fazem, no sentido mais óbvio, parte de nosso mundo material.

Assim, as representações como:

“O processo ensino e aprendizagem é feito de claros e escuros, ou seja, a teoria às vezes ilumina e, outras vezes, escurece a prática”. - imagem 1.

“O processo de ensino a aprendizagem tem a ver com a liberdade, com a idéia de autonomia” disse um componente do grupo relacionando esse pensamento à imagem 3.

“A diversidade, abertura para novas culturas deve fazer parte do processo ensino e aprendizagem” posicionou-se uma analista que escolheu a imagem 2.

“Os galhos das árvores me remeteu à idéia de vasos sanguíneos que relacionei com ao fluxo do conhecimento indo e vindo, processo dialético, que nos mantém vivo”, disse um dos participantes ao escolher a imagem 5.

“Dentro desse buraco é possível escolher o que se vê. Há muito o que ver. As coisas vão acontecendo no processo de ensino e de aprendizagem e vamos colocando foco em como o professor olha a prática. A gente nunca vê a mesma coisa. Cada um enxerga uma coisa. Se fizéssemos um furo no papel olharíamos para além da imagem”, explicou outro componente do grupo ao relacionar a imagem 9.

Outro componente do grupo complementou ainda em relação à imagem 9 que *“ as marés mudam, a sociedade está em transição, as coisas na escola não são naturais, exigem intervenções”*.

A experiência vivida trouxe palavras e idéias novas para (re)compor os discursos e os textos produzidos pela equipe. Dizer da forma que foi dito para esse grupo foi uma vivência diferente. Foi possível perceber o esforço de cada um em expor suas idéias; parecia que, de fato, a presença da imagem exigia um dizer diferenciado que emergia de um esforço também de pensar diferente, não tão “copiado” das teorias vigentes.

Assim, guiada por reflexões sobre as relações da educação estética e formação de professores/educadores, suscitadas a partir das experiências pessoais e da observação/reflexão, partilhada com grupo de formadores, planejei e organizei os instrumentos para empreender a pesquisa.

2.2. Os sujeitos... quem são, o que escrevem, o que representam por meio da imagem e o que falam sobre si



s sujeitos que participam da minha pesquisa são os formadores de professores e de coordenadores pedagógicos do projeto de formação

continuada da Diretoria de Educação do SESI-SP.

São eles:

1. Laor – formador dos professores de ciências dos ciclos III e IV (6º ao 9º ano) do ensino fundamental e de biologia e química do ensino médio.
2. Mariangela – formadora dos professores de inglês dos ciclos III e IV (6º ao 9º ano) do ensino fundamental e ensino médio
3. Saulo – formador de professores de educação física dos ciclos III e IV
4. Cidamara – formadora de professores de arte dos ciclos III e IV (6º ao 9º ano) do ensino fundamental e ensino médio (6º ao 9º ano) do ensino fundamental e ensino médio.
5. Cíntia – formadora dos coordenadores pedagógicos
6. Sebastião – formador dos professores dos 4º e 5º anos do ensino fundamental.

A seleção dos sujeitos deu-se por alguns fatores, dentre eles, o fato dos seis se manifestarem disponíveis e interessados pela pesquisa; o outro fator de igual relevância deu-se pela qualidade da relação interpessoal construída entre sujeitos e pesquisador. Em relação a esse último fator, Bolívar (2002) explica que

(...) a qualidade do relato biográfico é dependente do grau de relação recíproca que se estabelece entre entrevistador e narrador.(2002,p.183)

Para apresentá-los, organizei algumas breves informações sobre cada um dos sujeitos: a idade e percurso profissional visando situar quem são para, em seguida apresentar suas palavras e imagens.

Sujeito 1

Laor Fernandes de Oliveira, 35 anos, é professor de Ciências da rede municipal de São Paulo há 11 anos. Desde 2001, realiza as formações dos professores de Ciências dos ciclos III e IV (6º ao 9º ano) do ensino fundamental da rede escolar SESI-SP. Em 2007, com a implantação do ensino médio na rede, passou a realizar também as formações dos professores da área de Biologia e de Química.

São suas palavras e imagens... as que se seguem

INSTRUMENTO 1 : Relato de fragmentos autobiográficos

Consigna: Como se chega a ser o que é?

Como me tornei e como me torno formador de professor?

Sou formado pela Fundação Educacional de Penápolis na área de Biologia. Atuei como professor de ciências e matemática na rede estadual, municipal e, no SESI, iniciei como professor de ciências e matemática no ensino supletivo, e depois como orientador de aprendizagem que me ajudou muito ter uma visão de todas as áreas do conhecimento.

Percebendo que poderia fazer mais pela educação, aceitei o convite da rede estadual de ensino para ser vice diretor de escola. Foi durante esta atuação que senti a necessidade de me aperfeiçoar. Iniciei o curso de pedagogia e aprendi muito sobre concepções pedagógicas e principalmente sobre como uma criança aprende e constrói conhecimentos, algo que não havia aprendido na graduação.

Minha história como formador de professores inicia a partir dos meus estudos para o concurso de Analista Pedagógico, por meio destes, percebo uma boa oportunidade para desempenhar meu potencial.

Ao iniciar a atividade como formador, passo a pesquisar muito sobre minha área de conhecimento - “ Ciências Naturais” e a concepção pedagógica proposta pela rede SESI-SP.

Acredito que minha formação como formador foi acontecendo a partir do contato com os professores, durante os encontros nos quais discutimos a concepção da rede, metodologia de ensino da área e a prática docente.

As discussões durante os encontros de formação nos fazem perceber qual é a real demanda do professor nos possibilitando pensar em uma proposta de formação em que este professor reflita sobre a sua prática.

No momento de preparação para os encontros tenho muita preocupação de levar algo que atinja o professor para que ele perceba a importância de sua aplicação na prática de sala de aula.

Como já relatei, é no contato com o professor e por meio de suas demandas que me torno formador de professores, isto me instiga a buscar mais para ajudar o professor a pensar sua prática e construir uma prática melhor, por meio dos modelos organizativos de ensino e aprendizagem nos quais apresentamos desde situações hipotéticas, reais e seqüências didáticas para discussão em relação à metodologia de ensino que a rede SESI-SP quer para proporcionar aos alunos uma educação de excelência.

Percebi um crescimento enquanto formador quando fui desenvolver um projeto titulado como “IN LOCO” no qual vivenciamos junto com os professores situações de ensino e aprendizagem em sala de aula.

Nos primeiros projetos em que participei, foi um “desespero total”.Eu ali querendo olhar para prática da professora, suas atividades propostas e seu plano docente, querendo enxergar tudo aquilo acontecendo em sintonia com a proposta da rede, fiquei muito angustiado... Achava que eu enquanto formador deveria dar conta de tudo e ajudar esta professora. Mas, minha preocupação naquele momento era de achar o certo e o errado e eu estava muito enganado, apesar de até tentar quando preparei com ela algumas atividades, e a mesma me fazia colocar o pé no chão em relação a algumas propostas minhas.

Com o passar do tempo fui refletindo, trocando idéias com algumas pessoas em que confio (porque em nosso meio, temos aqueles que podemos confiar) .São pessoas que vão nos ajudar a pensar e não nos deixar mais para baixo. Acredito que estes momentos no in loco são muito bons para nossa formação, fazendo com que ao pensar em uma formação continuada, pensemos em coisas simples que podemos fazer na sala de aula que contemplam toda uma proposta de ensino.

Outro momento na rede SESI-SP do qual fui aprendendo ser formador é assistindo o companheiro no momento de sua formação. Para mim, isto é fundamental, ver o como o outro faz, para pensar em minha postura. Discussões com grandes teimosias da minha parte, tentando defender minha opinião, mas muitas vezes eu não enxergava que estava errado ao longo do processo e nos dias de hoje já sou um pouco mais flexível.

Hoje em dia foco mais em pesquisar muito sobre minha área, estudar os referenciais curriculares para nos momentos de formação provocar discussões sobre a metodologia do ensino de ciências e a práticas de sala de aula.

INSTRUMENTO 2 – PORTFÓLIO

Consigna – *Imagens de mim*



INSTRUMENTO 3 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- O que as imagens contam sobre a sua história de formador?
- Como foi elaborar este portfólio? Ou Como foi dizer por meio das imagens?
- Que percurso utilizou para selecionar as imagens? Como foi o processo de escolha e organização das mesmas?

As imagens contam um pouco de dificuldades. Quando escolhi essa imagem com raios e trovões... é como se fosse um caos, estava difícil tentar compreender como eu ia ser formador, como eu ia me tornar formador, justamente por isso que escolhi esta imagem.

Essa outra com um monte de fios enrolados parece uma confusão... Porque é mais ou menos assim que eu acho que é a formação é: ao mesmo tempo parece que ser uma confusão e ao mesmo tempo não é; é como um desenrolar de fios, tentando organizar os fios, deixar eles certinho para que corra a corrente elétrica certinho, para que vá para o lugar certo que ela tem que ir, mais ou menos isso que a gente tenta fazer... chega lá, está tudo embolado e a gente tenta desembolar, da outra vez a gente tentar desembolar mais um pouquinho e deixar tudo certinho.

Essa outra imagem... eu pensei numa construção.. ela tem vários tijolos e você vai acertando os tijolos de forma certa para que se torne uma coisa sustentada, como se fosse uma casa, uma coisa bem certa, bem esquadrejadinha... é o que a gente tenta fazer na formação continuada... Essa é a minha idéia de formação.

Imagem dos trovões - essa não é bem o professor... sou eu pensando no professor... como eu vou resolver alguma situações para o professor que está nu e cru, o professor que ainda não entendeu a proposta.

Essa dos fios embolados... é o professor lá confuso com a proposta, não sabe direito o que está fazendo e eu tentando mediar dentro do modelo de ensino e aprendizagem que eu levo para ele para ele tentar compreender.

E aqui (os tijolos) é o professor construindo, o professor fazendo conforme a gente tem discutindo e orientado .. o professor construindo a sua própria prática .. é essa a nossa proposta ... que esse professor se torne autor de sua própria prática, não que ele tem que fazer o modelo igualzinho.

Essa experiência que você acabou de passar, dizer por meio das imagens, como foi?

Tem que pensar bastante... Quando você olha para a imagem vem na cabeça um monte de coisa para falar e a gente tem que focar... se ficasse aberto teria um monte de coisa para falar.

O que você pensou diante das imagens, que elementos, critérios você utilizou para selecionar as imagens?

Pensei na minha prática. Eu vejo que não é uma coisa tão fácil... vejo como uma coisa complicada.

Sujeito 2

Mariângela Machado Magalhães, 38 anos é formadora de professores de Língua Estrangeira do ensino fundamental há dois anos e seis meses (ciclos III e IV - 6º ao 9º ano) da rede escolar SESI-SP. Em 2007, com a implantação do ensino médio na rede, passou a realizar também as formações dos professores dessa modalidade de ensino. Também é professora na rede estadual de São Paulo há 13 anos.

São suas palavras e imagens....as que se seguem.

INSTRUMENTO 1 : Relato de fragmentos autobiográficos

Consigna: Como se chega a ser o que é?

Como me tornei formadora de professores

Reverendo minha trajetória profissional poucas foram as coisas pensadas e planejadas. Escolhi cursar letras porque sempre gostei de ler. Desde criança passava horas com os gibis da Luluzinha, depois com revistas e livros, mas hoje pensando melhor vejo que escolhi dar aulas

porque me fascinava o poder que alguns professores exerciam sobre nós, alunos. Sempre gostei de lidar com pessoas e como detesto rotina, acho que tudo veio a calhar. Só que depois disso, tudo começou ocorrer por acaso. Durante a graduação como trabalhava para pagar a faculdade, não pude exercer a profissão, então logo que me formei decidi que iria lecionar. Lembro-me como se fosse hoje. Escola da periferia, noturno, pois durante o dia trabalhava num serviço administrativo. Frio na barriga, insegurança, mas fui lá e encarei. Qual foi minha surpresa ao encontrar adolescentes interessados mesmo diante de tanta precariedade (falta de carteiras, porta pela metade etc.), porém não fiquei por lá muito tempo. A escola era distante e como havia me inscrito para ser eventual na escola em frente de casa e fui chamada, a escola da Vila Margarida na periferia de São Vicente acabou ficando para trás.

Bom, vamos andar mais rapidinho. Comecei a lecionar em 1993, no noturno para o Ensino Médio e durante o dia trabalhava na Prefeitura de Santos. No ano de 1994, uma mestra querida me convidou para trabalhar na escola particular em que ela era coordenadora. Como trabalhava das 13h às 19h na Prefeitura, comecei a lecionar na escola particular pela manhã, e às sete e meia em ponto entrava na escola do Estado.

Coitados dos meus aluninhos da manhã! Quinta e sexta série. Nunca havia lecionado para crianças. Como sofreram com minha inexperiência. No começo, os tratava como adultos, até que com a ajuda da minha amiga Helenice, aprendi como me comunicar com essas crianças. Um ano e meio de aprendizagem, que foi interrompida quando mãe ficou doente e eu precisava estar mais tempo em casa.

Em 1995 foi o ano só do Estado. Em 1996 perdi minhas aulas no Estado porque não era efetiva e fiquei só trabalhando na Prefeitura. Fiquei muito triste, pois neste momento descobri que “minha praia” era a escola. Porém logo veio o concurso da Prefeitura ao qual me dediquei muito e consegui passar. No ano seguinte, iniciei dando aulas na Prefeitura como professora eventual. Confesso que não gostei muito, pois nunca dava para começar e terminar um trabalho legal.

Mas em agosto de 1998, me chamaram para uma seleção no SESI. Fiquei super contente, pois havia um tempão que eu havia deixado um currículo. Mais surpresa ainda fiquei quando soube que iria trabalhar na unidade do Jardim Casqueiro, um bairro de Cubatão, onde amigas de adolescência residiam e lá estive por várias vezes. Novo desafio, novo recomeço. Fui me acostumando e lá fiz inúmeros amigos tanto no corpo docente como discente. Em 2000 prestei concurso no Estado, passei e até 2005 minha jornada era manhã, tarde e noite.

Durante esse tempo lecionando no Estado e no SESI sempre procurei freqüentar cursos de atualização e ler o que de novo saía na minha área. Por isso, quando houve pela primeira vez o concurso do SESI para Analista Pedagógico fiquei interessada, mas senti muita insegurança. Achava que não tinha a qualificação necessária. Então em 2004 quando houve novamente o concurso, prestei mais por insistência da minha coordenadora do que por vontade própria e não é que passei em 2º lugar! Ainda assim não acreditava que pudesse vir a exercer esse cargo. Até que um belo dia, em agosto de 2005, recebi o telefonema do DRJH para assumir o cargo. Relutei no começo, pois iria mudar muita coisa na minha vida. Conversei com amigos e família e de todos ouvi que seria uma experiência ímpar para minha vida profissional e que me sairia bem. Então resolvi encarar e hoje dois anos e meio após posso dizer que tomei a decisão certa. Não que não gostasse da sala de aula, diferente de muitos professores que não vêm a hora de sair dela, eu sinto muito a falta dos meus alunos e do convívio com eles que sempre foi um grande aprendizado. Mas resolvi transferir toda a minha paixão por lecionar para os meus professores que são meus alunos atualmente. Para isso faço o melhor possível. Procuo estudar muito sobre o assunto que levo para discussão e também procuro motivá-los e estimulá-los a ampliar a própria formação. Sei que não atingimos a todos, porém busco esta meta e quando vejo um professor dizendo que consultou um site sugerido, aplicou o modelo organizativo ou trazendo um livro que fala sobre o assunto que estudamos; nossa fico muito, muito satisfeita e me sinto realizada.

Como disse no começo desse relato nada na minha vida foi ou é muito planejado, por isso não sei quanto tempo estarei formadora de professores de Inglês, mas pretendo aproveitar essa experiência ao máximo

INSTRUMENTO 2 – PORTFÓLIO
Consigna – Imagens de mim

Lugares de mim



INSTRUMENTO 3 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- O que as imagens contam sobre a sua história de formador?
- Como foi elaborar este portfólio? Ou Como foi dizer por meio das imagens?
- Que percurso utilizou para selecionar as imagens? Como foi o processo de escolha e organização das *mesmas*?

As imagens que eu selecionei contam assim... logo que eu vim para este cargo eu percebi o quanto é necessário a estudo (imagem do livro), a busca pelo conhecimento constante, a pesquisa constante.

O pensador... é a reflexão, é um ir e vir... a gente acha que está acertando...acha que está errando.

Coloquei a fita de vídeo por conta que é o que eu faço, trabalho com a língua estrangeira... representa um pouco isso, da questão da comunicação... das imagens, da fala.

Coloquei os alunos numa escola porque tudo é voltado para os alunos... eu penso que é um estudo para ganhar o professor pro produto final que é o aluno.

Esse portão aberto é uma coisa que tem sempre muitas novidades, você não sabe muito bem o que está por vir, você não sabe o que exatamente o que vai acontecer....

Dessas imagens, qual é a que melhor te representa?

O livro. Porque o livro sempre esteve presente na minha vida, na minha família, desde criança a minha mãe sempre leu, lecionou... meu pai sempre leu, meus tios .. é uma família de professores.., o livro sempre foi meu companheiro.

Diz um pouco sobre esta experiência vivida de dizer por meio de imagens. Como foi elaborar isso?

Difícil, porque eu me expesso melhor pela palavra apesar de ultimamente achar que estou meio emperrada... até porque o livro sempre esteve em casa, mas a arte, imagens, desenhar nunca foi uma coisa minha, apesar da minha mãe bordar, costurar ... sempre a palavra...nunca fui de visitar museus, sempre coisas ligadas à palavra... não está na minha vida... então eu acho difícil... tem que estar pesquisando sobre isso.

Que percursos você utilizou para selecionar as imagens? O que você pensou pra organizar as imagens?

A primeira coisa que eu pensei foi o livro. Como pessoa, como formadora, na minha vida. As outras imagens eu fui procurando algumas na internet, pesquisei no Google. Quando eu achava uma que tinha a ver comigo eu selecionava como, por exemplo, o pensador de Rodin eu logo pensei “tem a ver comigo” porque eu sou uma pessoa reflexiva, tem que pensar muito antes de fazer as coisas... nesse estar formador eu também fico refletindo demais.

Coloquei fita porque trabalhamos muito com recursos audiovisuais, com a comunicação.

Coloquei a escola, os alunos pensando nisso... olhando as imagens....a escola tem a ver com o produto final, os alunos.

Foi uma busca aleatória... fui olhando imagens e selecionando as que eu poderia encaixar.Fui olhando algumas imagens e fui colocando. Aleatória na busca, mas sabendo o que tem a ver. Eu achei difícil.

A imagem é uma interpretação, é uma metáfora. Para mim é difícil...O relato diz muito mais sobre mim.

Eu acho ... no relato talvez eu não tenha explicitado tanto a metáfora do pensador.

Eu disse isso de outra forma. Aqui quem olhar já vai perceber isso. Esse portão aberto. Eu não disse isso no relato... é o desconhecido...uma porta para o novo...

tudo ainda é muito novo para mim.

Quando me perguntam o que você é... para explicar para as pessoas eu digo sou professora de professor... analista pedagógico não diz nada. É o desconhecido.. nós lidamos com gente.. criança, adulto... tudo é desconhecido... acho que isso eu não comentei no relato A imagem passou isso.

A escola está no relato... de outra forma. São formas diferentes. Algumas eu aprofundei, outras eu não citei lá e citei aqui.

Sujeito 3

Saulo Françoso, 25 anos é formador de professores de Educação Física da rede escolar SESI-SP há um ano. Exerceu o cargo de professor na Rede Estadual de São Paulo e algumas instituições particulares.

São suas palavras e imagens ...as que se seguem:

INSTRUMENTO 1 : Relato de fragmentos autobiográficos

Consigna: Como se chega a ser o que ?

Iniciei meu trabalho como formador de professores no dia onze de abril de 2007. Antes disso, tive experiência na rede estadual de ensino atuando no Ensino Fundamental e Médio, em escolas particulares, também passando por esses níveis de ensino além da Educação Infantil, e fui professor de Educação Física da Rede SESI, trabalhando nos ciclos III e IV e Ensino Médio.

Na verdade, ao ingressar nessa Rede, a partir da minha primeira formação continuada, me apaixonei pelo trabalho realizado pela minha formadora (hoje parceira de trabalho), e sonhei um dia ocupar esse cargo.

A possibilidade de aumentar meus conhecimentos em relação  Educação e a idéia de estar discutindo novos rumos com profissionais da área me encantava.

Foi assim que prestei o concurso para o cargo de analista pedagógico no início de 2007 e acabei conseguindo a vaga.

De início, o simples fato de não estar mais em contato com os alunos, com o ambiente escolar, ou até mesmo a mudança radical nas tarefas do dia-a-dia, me deixou ansioso e até preocupado na ocasião.

Acabei de início acompanhando a analista da área em algumas formações. Procurei observar o encontro, atento tanto na fala e inquietações dos professores, como principalmente na postura da analista frente aos diferentes grupos.

Realizei minha primeira formação sozinha, com o grupo de Presidente Prudente no dia 29 de maio de 2007. Nos dias anteriores, apesar de estar bem seguro em relação ao tema que abordaria na formação, estava preocupado com a receptividade do grupo.

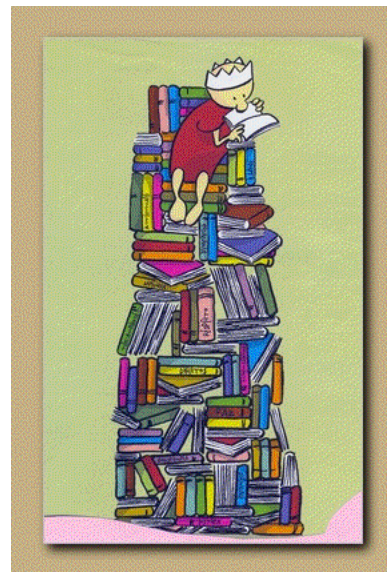
Fiquei contente ao chegar o término do encontro, e poder receber os elogios dos participantes e mais ainda da satisfação de uma supervisora local que presenciou a formação. Foi uma injeção de ânimo para as próximas jornadas.

Nas formações seguintes, procurei a partir das experiências anteriores, ir corrigindo alguns detalhes e pensar nas situações onde percebi que não consegui me posicionar da maneira que gostaria. Assim anotava tudo o que acontecia e refletia sozinho e também com colegas da área sobre determinadas situações.

Se eu disser que já me sinto um formador de professores, estarei possivelmente cometendo um equívoco. Sei que estou no caminho certo, com bastante dedicação e empenho nos estudos e aprendendo muito com os parceiros de trabalho.

Acredito que da primeira formação para essas últimas, consegui dar um enorme salto nessa missão, evoluindo bastante principalmente na postura que devo ter nesse meu papel de formador, mas acredito que só com o tempo poderei me sentir mais seguro. De uma coisa tenho certeza: a ansiedade e preocupação do início não mais existem. Estou muito mais exercer tranquilo e confiante nessa função.

INSTRUMENTO 3 – PORTFÓLIO
Consigna – imagens de mim





INSTRUMENTO 3 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- O que as imagens contam sobre a sua história de formador?
- Como foi elaborar este portfólio? Ou Como foi dizer por meio das imagens?
- Que percurso utilizou para selecionar as imagens? Como foi o processo de escolha e organização das mesmas?

O que as imagens contam sobre a sua história de formador?

Bom eu selecionei algumas imagens que foram selecionadas no decorrer do caminho. Sou novo nessa profissão...

Primeira imagem que eu selecionei é um rapaz roendo a unha ... particularmente tenho esse vício de roer as unhas ... mostra uma pessoa aflito no começo... porque eu fiz a faculdade não para ser formador e sim para trabalhar em escola.

Eu adorava o que eu fazia.. eu estava muito bem onde fazia ... surgiram as coisas muito de repente então esse novo me deixou muito aflito .. eu não sabia se eu ia dar conta disso... tive que resolver de um dia para o outro.

Mas apostei pensando no crescimento profissional.

A segunda imagem mostra uma moça com a mão próxima ao ouvido...o que eu precisei fazer nesse momento como eu não tinha muita experiência como professor por causa da idade eu procurei ouvir muito, com muita atenção no que os outros falavam, tanto companheiros da área de educação física como os outros nas reuniões... eu procurei aprimorei essa minha escuta.

A coruja, caráter e ser observador... primeiro no meu grupo de trabalho e ai sim quando eu parti para as formações... observar, pela fala, observar um pouco da escuta o que os professores queriam dizer sobre determinado assunto, porque eu percebi que num mesmo assunto dois professores tinham posturas totalmente diferentes ... e ai tentava nas entrelinhas perceber o que estava enraizado nessa escuta, nessas falas dos professores.

Sempre fui uma pessoa muito estudiosa... então essa parte de ser formador eu sempre almejei desde quando entrei no SESI que eu vi na minha primeira formação continuada que eu vi o papel do formador... pensei “é isso que eu quero para mim” ... gostei muito e pensei “como é que faz para ter um emprego desse no SESI” ... aí no primeiro concurso que teve acabei entrando... sempre gostei muito de estudar, só que nunca pensei assim para dar aula na faculdade, era para dar aulas na escola mesmo, aí nisso é o que eu mais gosto do papel do formador, estudar e buscar coisas novas.

A outra imagem que eu selecionei é o gatinho andando no meio dos cachorros que representa os professores na formação ... eu fazendo a formação com 26 anos e o professor com 26 de profissão... então tudo que eu falo tem um peso enorme... o professor quer testar ... qualquer errinho ele dizia que não era assim na escola.

Me sentia ameaçado porque tentava conter muito com as palavras... quando a Maria José dizia para tirar o pé da sala de aula eu não concordava de início e hoje eu já começo a perceber o que ela quer dizer com isso ...claro que você tem saber a realidade só tem momentos que tem que separar totalmente...você não está mais lá.... na primeira formação que eu fiz ... muitas coisas que aconteciam na formação eu citava eu como professor e hoje eu não faça mais isso .. eu penso em trazer mais para a reflexão deles... hoje eu já não sou um gatinho.

Eu sempre gostei de ser muito inovador em tudo que faço e particularmente na educação física, claro que essa é uma proposta do SESI, é uma proposta nova para todas as áreas, mas na educação física é muito enraizado aquele professor que só quer jogar bola ... e eu já tinha essa postura, na verdade quando eu vim para a sede ficou muito fácil porque eu já trabalhava dessa forma na escola ... eu já acredito nessa proposta e ficou tudo mais fácil.

Eu coloquei essa imagem do golfinho e da vaca voando pensando que na formação a gente tem que levar alguma coisa para o professor refletir, então mesmo que ele ache uma coisa totalmente diferente, totalmente incabível de aplicar ele tem que parar para pensar... a partir disso elaborando as pautas eu procuro levar sempre

coisas novas mesmo que o professor pense que não dá para fazer... exemplos práticos... Às vezes o professor pode ver isso como uma vaca voando... tem esse distanciamento... É uma preocupação minha... e ao mesmo tempo que eu não estou conseguindo é garantir se isso está acontecendo, se está tendo reflexo na prática porque esse é nosso intuito.

O professor chega na formação e conta as mil maravilhas... ou não... Ter um canal mais aberto para o professor entrar em contato com a gente... eu sei que o nosso tempo é curto, mas acredito que essas quatro formações não dão conta e nem a gente vai dar conta de tudo mas se tivesse pelo mesmo um canal aberto para o professor... um fórum.

Hoje como eu me vejo?

A partir do final do ano passado, da 4ª formaprof que a proposta foi totalmente diferente das outras onde você não tinha uma pauta elaborada... você teve que entrar com o seu papel... tem muita coisa que o professor faz na sala de aula... o improviso... a partir do que acontece com os professores você tem que atuar... eu me senti mais seguro.

Hoje eu vejo assim, o caminho é longo, a imagem representa isso, na educação é assim, como formador estou sempre buscando (volto para cá... primeira imagem) ... nesse ano vou estudar, estudar, estudar, bastante para estar caminhando para a nossa educação de excelência.

Pensando na primeira imagem, fazendo um contraponto com a última.. hoje estou muito mais seguro do que faço... tenho certeza que é isso que eu quero fazer...

Como foi elaborar este portfólio?

Elaborei o portfólio a partir do relato que eu tinha feito então fui pegando alguns momentos do meu tempo de formação... no início eu estava nervoso.. aflito então entrei na internet e busquei uma imagem para representar isso... fui revistando meus

sentimentos, a partir das emoções eu buscava uma imagem que representasse aquilo que eu estava sentindo

Não tive dificuldade.

Eu sinto mais facilidade em escrever... mas em relação a sentido a partir das imagens ficou muito mais fácil...

Sujeito 4

Cidamara dos Santos Fim, 52 anos, é formadora de professores de Arte na rede escolar SESI-SP desde 2001. Lecionou na própria rede por 22 anos e também nas redes estaduais e municipais de São Paulo.

São suas palavras e imagens ...as que se seguem:

INSTRUMENTO 1 – Relato de fragmentos autobiográficos

Consigna: Como se chega a ser o que é?

Desde os oito anos, estudo desenho e pintura, pôr influência de minha mãe que sempre bordou, desenhou e pintou muito bem. Lembro-me de pequena sentada em seu colo atrapalhando seu trabalho querendo fazer também, e assim ela me abriu caminho para o mundo da arte.

Estudei em colégio católico desde a pré-escola até o terceiro ano do magistério e devido à falta de número de alunos no quarto ano do magistério, fomos transferidas todas as oito alunas para uma escola estadual, pois na época havia poucas escolas de magistério e assim ganhamos 42 novas amigas. Nessa mesma época, comecei a lecionar na alfabetização de adultos e fazer estágios em escolas de crianças com necessidades especiais, foi universo diferente que conheci principalmente nos Instituto Padre Chico e no Anne Kelly.

Logo após conclusão do magistério, iniciei o curso de Educação Artística, na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, com especialização em Artes Plástica e Desenho, formação esta para Professores do Ensino Fundamental e Médio. Posteriormente fiz o Curso de Pedagogia, na Universidade São Judas, com especialização em Administração Escolar e Magistério, Orientação Educacional, e Supervisão.

Trabalho há vinte e cinco anos na Educação, atuando em escolas particulares, estaduais e na municipal, em São Paulo, das quais me exonerei há quatro anos.

Há vinte e dois anos na rede Escolar do Serviço Social da Indústria e sete anos no cargo de Analista Pedagógico, onde exerço a função que dá Assistência aos Professores da rede através da formação continuada, como apoio e suporte técnico pedagógico. Está acontecendo a cada dois meses com até 20 participantes de cada vez, nas escolas da capital e do interior do estado de São Paulo. As reuniões são elaboradas pelas Equipes de Analistas – Pedagógicas, com orientação da Gerência de Educação.

Interessei pôr este cargo devido, a preocupação em compreender o universo complexo da profissão docente que teve origem nas experiências que permearam a minha prática. A criação do cargo surgiu na época em que a rede SESI vivenciava um momento de grande transição com a construção de uma nova Proposta Pedagógica, que deveria ser elaborada a partir da experiência dos professores em sala de aula, sob a nossa coordenação. Então no ano de 2001, iniciamos a construção de uma Proposta Pedagógica Própria para a Rede, partindo da experiência dos professores em sala de aula, tendo-os como co-autores desse documento. Em 2002, já com a versão preliminar da proposta, passamos à etapa seguinte que foi a validação desse documento a partir da aplicação da teoria na prática, ou seja, “o fazer na sala de aula”.

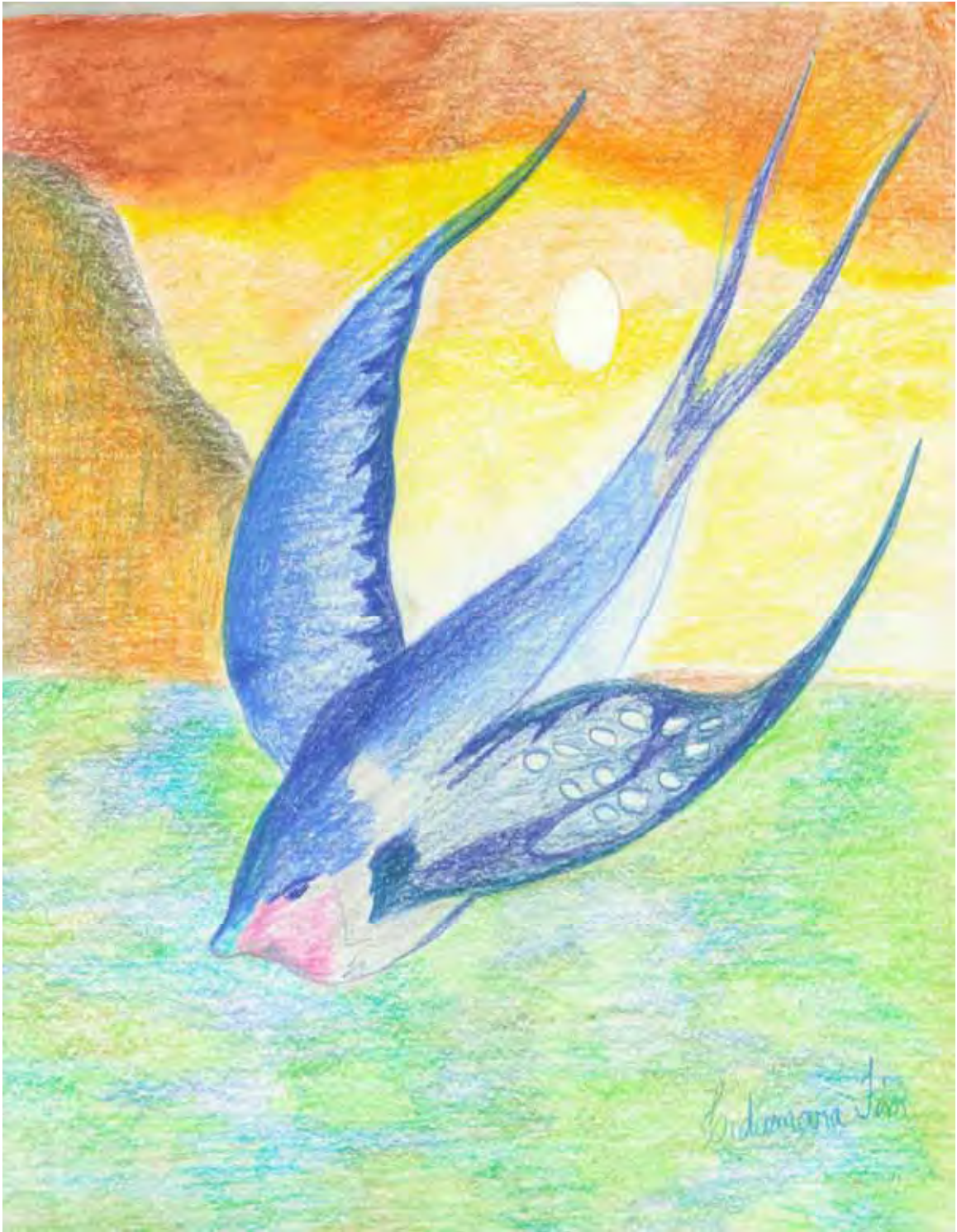
O fato de sermos todos os professores nos aproxima dos demais professores e de suas dificuldades.

O trabalho do professor apesar de possui suas especificidades, já que não pode ser considerado um trabalho que apresenta um “produto final” como na produção industrial, mas que deve primar pela excelência em conquistar novos caminhos a cada dia, e assim sendo professora, sou mágica, crio situações onde o que imaginário está presente, faço malabarismo, sou atriz, que muitas vezes interpreta a vida como ela é, e não como gostaríamos que fosse, diversas personagens com sentimentos e performances diferentes que a cada dia apresenta desafios, e além de tudo responsável pela formação desse magistrado até a formação de um simples homem do povo, pois não tem um só profissional na sociedade que não tenha tido um professor em algum momento da sua vida.

INSTRUMENTO 2 – PORTFÓLIO

Consigna: Imagens de mim









INSTRUMENTO 3 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- O que as imagens contam sobre a sua história de formador?
- Como foi elaborar este portfólio? Ou Como foi dizer por meio das imagens?
- Que percurso utilizou para selecionar as imagens? Como foi o processo de escolha e organização das mesmas?

As imagens contam principalmente da persistência. Tem que ser muito persistente. Posso começar com essa daqui (a imagem do pássaro), uma ave quando ela voa tem que ter muito persistência porque até ela conseguir alçar vôo passa-se muito tempo.

Quando tento, dentro da formação, olhar esta parte realmente alcançar vôo não é fácil. Você vai uma, duas, três... renova, volta e na formação eu acho muito importante ter planejamento... não parece mas uma ave planeja seu vôo.. ela sabem para onde vão.

Quando eu produzir estes trabalhos pensei nisso... Porque o azul? Eu acho que o azul dentro das cores primárias agrega paz, a tranqüilidade, e em uma formação precisa ter muito equilíbrio. Se você não tiver um azul dentro da formação você não consegue olhar as cores quentes que estão a sua frente... quando você consegue fazer que o outro enxergue você trouxe calor e luz para ele ... mas é muito difícil primeiro você precisa enxergar para depois fazer enxergar... é uma troca.

As rosas - Pensei no desabrochar de cada um por que o professor, o educador, o formador ele desabrocha. Cada pétala é um conhecimento que ele adquiriu e quando ela desabrocha mostra todo conhecimento e ele não morre, fica o perfume, tem a cor... o conhecimento exala isso... exala as cores, a luz que vem de toda natureza.

Produção em linha – a formação é linear, tem começo, meio e fim, depois começo meio e fim; cada etapa do trabalho, se bem planejado, passa por esses caminhos.

Por que um ser olhando... para direita para esquerda? Essa posição indica futuro... dentro desse simbolismo esse mediador, esse formador tem sempre estar sempre com o olho para o futuro; se ele olhar só para o passado ele só vai ver o conhecimento adquirido, não vai vencer novos conhecimentos. Por isso nós temos as ânforas no desenho.. como se fosse aquilo que ele traz com ele; as idéias são mirabolantes; ela pode criar o espaço que você quiser porque ele tem um grupo de idéias para projetar o futuro..... Pôr em branco e preto, porque algumas coisas têm de ser preto no branco, não adianta querer colorir umas coisas quer tem ser exato; eu acho que informação tem que ser dado exato para não confundir quem vai trabalhar com você.

Eu criei pintando, desenhando para representar a estrutura interna.

Essa parte que é colagem eu pensei em como o formador agrega todas as partes desse mundo em que ele vive porque em uma formação você não fala só do tema escolhido...você leva outras coisas...

Por que o rapaz e uma moça? Os dois parecem que estão olhando para alguma coisa. A moça se olha de frente, ela te encara; o rapaz talvez mais sonhador . ele olha o mundo de fantasia quando você vê um filme... é uma criação, ele olha um quadro onde o vermelho simboliza mais o cotidiano, o conhecimento; um carro .. ele dá velocidade, transporte, conforto... e se você fizer uma trabalho com os professores onde eles não sintam confortáveis, transportados para uma outra dimensão, o trabalho não fica completo. Não é um encantar pelo simples fato de encantar, de magia, mas encantar para que se produza conhecimento.

Tem muita coisa de cabeça para baixo porque nem tudo são rosas; cada um vem com seu conhecimento e te confronta o que é muito importante e outros se calam e quando calam parece que o conhecimento fica de cabeça para baixo...tudo o que você levou não encontra eco.

Coloquei as pessoas de cabeça para baixo nesse sentido... de você tentar que as pessoas cheguem até você e você se chegar a elas porque tem que ser um encontro de idéias, de valores, às vezes não acontece. Voltei às flores e os laços...

significa que você está abraçando o outro e quer ser abraçado.. eles trazem esse aperto... eu estou trazendo para você mas se você tem também me passe porque eu preciso disso para me alimentar.

O olhar das pessoas...quando você olha para alguém esse olhar te transmite muita coisa ... o formador tem que olhar o olho do formando. Se ele não estiver olho no olho não acontece de uma forma ampla e muitas vezes você está numa sala com 40, 45 e têm alguns lendo gibis, revistas porque a magia não chegou neles, ele está desinteressado, está de cabeça para baixo naquele momento e você tem que chegar perto dele e dá um toque físico, segura no braço, dá uma folha na mão dele... é um laço que você está formando com ele....tem pessoas que não gostam de ser tocados, mas quando você entrega um folha na mão de uma pessoa no mínimo ele te olha para ver de onde vem a folha ... então é uma forma de você encontrá-la.

Aqui eu tentei por isso ... movimento dentro da formação é importante... não pode ser nada estático... tem hora que você traz o estático que é o momento da reflexão mas o movimento faz com que esse estático interaja com o ser humano.

Por último são fotos da formação. Essas fotos retratam os vários momentos da minha formação como professora e depois como formadora.

Eu trouxe oficina de arte onde eu sempre trabalhei com trabalhos dos alunos que é o que é importante... não o trabalho do professor que é importante, mas o resultado do aluno que significa que ele aprendeu e aí eu posso expor.

Eu trouxe uma outra onde as pessoas não estão tristes, aborrecidas, elas estão discutindo .. estão sorrindo então quer dizer que não foi maçante....foi um trabalho que elas conseguiram fazer com tranquilidade... foi um trabalho em grupo então não foi individualismo e elas estão bem.

Aqui é um trabalho que uma professora apresentou em uma das formações a partir de um modelo organizativo que apresentamos então a gente vê em prática a formação.

A última foto é um trabalho em loco que eu fiz em uma escola de Suzano ... o trabalho in loco faz parte do trabalho do formador.... ele fica sabendo o que está acontecendo para voltar e trabalhar com o pé no chão e saber se aquilo vai funcionar ou não...

A foto retrata a realidade, não é uma montagem, um arranjo.

Como foi organizar esse portfólio?

Foi muito prazeroso... eu já sabia o motivo, a direção, o foco... então não foi nada trabalhoso

Para você é mais tranqüilo dizer por meio da imagem por causa da sua formação?

Como educadora a palavra ela é tão ou igual à imagem que eu produzo.

Às vezes, como educadora, a frase, a palavra tem mais força que a imagem por que ela vai transmitir realmente o que você está sentindo porque a minha idéia é uma, mas você por as suas idéias e exige explicação.

Isso você pergunta para qualquer criança quando desenha... o que é isso... e ela explica.

Às vezes a palavra escrita tolhe um pouquinho porque não tem o gesto. Na palavra escrita falta o olhar, o gesto.

Você criou as imagens... o que foi norteador para você na seleção?

*Escolhi o pássaro que é o alcançar o vôo. Depois foi apresentação do homem do futuro que é o olhar a distância. Colagem mediando isso
Por último as fotografias.*

Se você tivesse que escolher uma delas para te significar?

O pássaro – planejamento, aprendizagem. Na natureza tudo passa por essa aprendizagem... Você nasce, cresce, evolui e morre, mas o pássaro tem uma coisa que eu não tenho... Ela pode voar... Eu não posso. Eu preciso de um mecanismo para voar então ele precisa do conhecimento... A mãe ensina a voar e ele precisa ter energia para se jogar no espaço para aprender.

O formador faz isso ele se joga muitas vezes porque às vezes ele precisa pesquisar muito para chegar ao tema escolhido e às vezes isso é difícil.

Sujeito 5

Cintia Ferreira, 32 anos é formada em Educação física e atualmente é formadora de Coordenadores pedagógicos da rede escolar SESI-SP desde 2007. De 2003 a 2006 foi formadora de professores de educação física. Como professora atuou na educação infantil de 1993 a 1995 e como professora de educação física de 1995 até 2003.

São suas palavras e imagens ...as que se seguem:

INSTRUMENTO 1 – Relato de fragmento autobiográfico

Consigna: Como se chega a ser o que é?

Como se torna a ser o se que se é... na minha perspectiva....

Um percurso... trajetória...

Como é interessante pensar nisso... Esta história é parte de uma viagem interna, que posso chamar de visita a lugares, tempos, pessoas e acontecimentos que ajudaram a constituir-me quem sou, hoje... talvez em tempo, date das primeiras experiências escolares – da antiga pré-escola como aluna da professora Sônia, das brincadeiras de escolinha em casa. Em lugares, as escolas onde estudei e trabalhei e, onde atuo como analista pedagógico. Por pessoas, essas

tão fundamentais, me emociono e sou grata ao lembrar e relembrar dos acontecimentos que me proporcionaram aprendizagens importantes e, que ainda me proporcionam.

O desejo de me tornar professora aconteceu aprendendo a jogar handebol com a professora Sueli, de educação Física, assim decidi que esse poderia ser meu caminho profissional. Desejo meu. Para a minha família a idéia era que eu me tornasse uma advogada.

Ao final do que se chamava ensino de 1º grau, minha mãe sugeriu (“pensou” por mim) o curso magistério – a mentalidade da profissão, enfim – gostei da idéia. Os melhores anos da minha vida... o magistério me abriu as primeiras portas para a experiência profissional e para ver que de fato, tinha muita coisa para aprender... lembro dos meus primeiros alunos e dos primeiros desafios e perguntas – o Lucas Angelloti, que batia na mãe e eu não entendia porque ela deixava; a Naiane Xavier, uma princesa dos olhos negros mais lindos que eu já tinha visto e de um carinho, como e o que ensinar a crianças tão pequenas e, é claro, das pastas de atividades que eu preparava, pensava, organizava durante os finais de semana... incansável!

No último ano do magistério... escondida do meu pai fiz o vestibular para educação física e só contei na hora da matrícula. Um “sufoco”... ele ficou muitos anos sem falar comigo e teve problemas em aceitar que eu podia planejar a minha vida... A faculdade era uma conquista para mim... eu desejava. Minha mãe e a minha avó foram muito importantes, o apoio, a mediação durante as provocações do meu pai, enfim elas me ajudaram a entender e a continuar....

Durante a faculdade, iniciei cedo o trabalho na escola pública - que me mostrou novamente o quanto eu tinha para aprender ... Ao escrever posso dizer que a minha trajetória é acompanhada destas palavras: paixão, desafios, perguntas, dificuldades, determinação.

Continuei os estudos e o trabalho e nesse tempo muitas pessoas foram importantes para mim e muito me ensinaram : os meus diretores Vladimir e Eliana – um em cada escola que eu trabalhava, que me explicaram como a escola pública funcionava, e investiram tempo de formação em mim porque eu também queria ajudar. Esse tempo de formação - eu que vi assim – aprendia com eles desde um preenchimento de documento escolar até nas posturas de ambos, em reuniões com o grupo de professores. E as reuniões do Nelson, coordenador pedagógico da escola, que nos problematizava (até nos dar “raiva” dele) e acompanhava as aulas.

Ao longo do tempo veio a oportunidade de trabalhar como professora na educação infantil e ensino fundamental de ciclo I em meu município – Guarulhos. Na Escola municipal pude aprender como alfabetizar as crianças, como lidar com uma concepção construtivista de conhecimento - esse foi o momento em meu percurso profissional que conscientemente mais aprendi e por participar do meu 1º grupo de estudos (coordenado pela diretora dona Elite e pela formadora Rosalinda) foi possível estabelecer relações das práticas com as teorias, saber o porquê das ações , ser acolhida pelo grupo e pela formadora (que me proporcionou uma ótima “referência” de formador).

E, em 2000, ingressei por concurso, na rede escolar SESI-SP como professora de educação Física para adolescentes. O primeiro ano foi muito difícil – a resistência à nova organização da escola, entender como essa rede funcionava, seus limites, possibilidades, exigiu de mim muita reorganização do pensar, agir e do sentir. Tinha a impressão de não saber mais nada e, que as coisas que tinha aprendido até então não me ajudavam a trabalhar ali.

Sempre quis uma Educação Física diferente, para além da bola... então o que eu aprendia no grupo de estudos, na escola municipal, comecei a transpor para as aulas de educação física: compartilhar os objetivos, fazer combinados, a considerar o que sabiam as crianças, coisas boas e trabalhosas - de um lado me apropriar dos discursos/práticas

desejadas pela rede SESI-SP de outro lado a minha experiência como professora e estabelecer relações entre tudo isso.

A cada estratégia utilizada, sentia mais segurança, o que me ajudava a ter mais idéias e a ter mais perguntas, mas o “resultado” do investimento me fazia querer mais porque valia a pena, via como os alunos se organizavam melhor, traziam seus repertórios e se envolviam nos trabalhos a ponto de passarmos a ser cúmplices.

Na escola do SESI, tive um outro investimento em formação as Reuniões pedagógicas e a formação de professores onde a atuação da coordenadora, da supervisora e das analistas, me ajudou a entender que rede era aquela, quais crenças, possibilidades e pude continuar, experimentar, ir e voltar.

*Dois anos depois, mais segura e consciente de minha atuação como professora, com maior clareza dos meios, das finalidades, com aceitação e confiança no trabalho por parte das crianças e da escola (me sentia assim, reconhecida e valorizada na minha escola), comecei a sentir que algo iria mudar (*esqueci de dizer, tenho uma intuição fortíssima).*

E aos poucos confirmei as impressões, quis participar do concurso para analista pedagógico no SESI e para Coordenador na Prefeitura em 2003, fui chamada a assumir nos dois lugares. Escolhi o SESI porque considerei ser a Educação Física o meu caminho de formação e acreditava também que poderia aprender a ajudar mais aqui.

Na formação de professores, ainda sem saber como era de fato esse papel, me apoiei de início nos exemplos de formadores que tive – em suas posturas, estratégias – as referências foram importantes, tanto positivamente quanto negativamente. Entrei muito em contato com a minha experiência enquanto professora e de integrante nos grupos de formação que participei. Aqui, já na sede, encontrei outras referências como formadoras e me senti muito acolhida na figura das supervisoras Simony e da Márcia, da Rosângela, da Elizabeth e da gerente Maria José.

Essas pessoas e o conflito de ser uma professora-formadora de professores me impulsionaram a descobertas sobre mim mesmas que acabaram por transformar novamente a minha vida em vários campos (com a minha vontade e ajuda). Conhecer mais sobre mim, sobre as minhas potências e fragilidades, meus medos, meus sentimentos e o que eu decidia fazer com eles foi o maior ganho que tive pessoal e profissional.

E faço gosto em lembrar que a entidade promoveu cursos que muito aproveitei - o Pichon - em especial. Neste curso, fui aprendendo que coordenar grupos é uma tarefa complexa (no sentido da complexidade estudado com a Luiza); que nos reunimos profissionalmente em relação à tarefa que se tem a desenvolver entre outras que organizaram as minhas idéias sobre planejar cursos de formação.

Outro momento muito bom para mim foi o acompanhamento das supervisoras nos encontros de formação, nas apresentações de pautas me (nos - porque trabalhava junto com a Eliani) mostrando que podemos desenvolver as competências necessárias a todo o tempo, elas (a Simony, a Márcia e a Maria José) não me deixavam parar, sinalizavam melhoras, apontavam problemas conversavam sobre. O projeto in loco, que me fez ver a prática de um outro lugar.

Posso dizer que sou hoje um pouquinho de todas essas pessoas fortalecida por essas construções.

E a história (re)começa ou continua, com um novo grupo o das coordenadoras pedagógicas....mas essa é uma outra história.

INSTRUMENTO 2 – PORTFÓLIO

Consigna: Imagens de mim



INSTRUMENTO 3 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- O que as imagens contam sobre a sua história de formador?
- Como foi elaborar este portfólio? Ou Como foi dizer por meio das imagens?
- Que percurso utilizou para selecionar as imagens? Como foi o processo de escolha e organização das mesmas?

Vou começar pela primeira que coloquei que é essa de fundo. Essa imagem me reportou a caminhos e...eu gostei muito dessa imagem por conta das portas abertas e da descoberta que é uma coisa que nós fazemos todo dia. Então eu pensei nessa

imagem assim além de tudo que eu gosto, gosto de flores, de luzes, esse caminho com o fundo iluminado me chamou muito a atenção.

Caminho, trajetória eu tenho valorizado no meu percurso de trabalho. Eu gosto de ficar lembrando e é interessante porque me ajuda a pensar em tudo o que eu fiz e quem me ajudou.

Ai vem a segunda imagem que eu coloquei: como o caminho para mim se faz caminhando, eu não posso deixar de lembrar de todo mundo, e eu coloquei esse povo trabalhando junto por isso, eu não fiz sozinha muita coisa, algumas coisas eu fiz, mas sempre nessa relação com outras pessoas que me colocaram a pensar para depois eu sentar e quebrar a minha cabeça.

Essa imagem simbolizou isso que esse caminho nunca é isolado, solitário, é sempre permeado de gente que vai pondo e tirando, conversando e eu fui viajando na lembrança das pessoas que fizeram parte do meu percurso profissional e acrescentando na sua vida também, isso que é interessante.

Ai vem a terceira imagem, que também é uma imagem especial; eu trago tudo que eu gosto e lugar que eu gostaria de estar: adoro praia, sol...mas quando eu escolhi essa imagem foi por conta da leveza, da brincadeira que eu acho que é uma coisa que me acompanha a vida toda, tanto na formação profissional por isso busquei a educação física porque gosto de me sentir livre também; é uma área que me chamou atenção por ter esse contado com gente e eu vi na educação física uma porta de entrada para a educação que era o que eu queria ser quando eu tinha 18 anos: eu queria ser professora de educação física.

Hoje essa imagem trata de leveza que eu gosto de dar à formação, dessa coisa leve, bonita, feliz porque eu acho que quem está nessa está curtindo... é uma delícia, enfim e desse contexto da leveza, da descontração porque tem muito de mim nessa imagem.

Essa outra imagem, do computador saindo tudo daí de dentro simboliza esse mundo que a gente vive que não é uma coisa que não marca a diferença, mas que mostra

que tudo isso acontece dentro de um contexto. O contexto de hoje é uma coisa diferente dos outros contextos de anos atrás, mas não é uma coisa que vem quebrar; é uma coisa que pode ser acomodado e quanto mais a gente sabe lidar com esse mundo tecnológico, com essa informação rápida que é uma questão da flexibilidade e inflexibilidade, melhor a gente consegue viver profissionalmente e pessoalmente. ... são dilemas que a gente vive.

Acho que eu coloquei essa imagem aqui para lembrar que tudo isso acontece, que eu tenho um caminho, tenho pessoas que me ajudam, tem quem eu sou nesse mundo que eu vivo. Quanto melhor eu integrar tudo isso e flexibilizar e compreender e viver isso da melhor possibilidade que isso tudo pode trazer, eu me favoreço e posso ajudar mais pessoas. Isso me reporta ao começo, eu queria ajudar as pessoas.

A hora que eu vi essas imagens hoje, pensando junto. Tem essa coisa que eu quero dizer no contexto de ajudar mais as pessoas que eu não disse no relato.

No começo quando eu decidi que eu queria profissionalmente para mim eu tinha vontade de ajudar os alunos como eu fui ajudada como aluna. Na época que eu prestei o concurso de analista era a possibilidade de ajudar mais pessoas a pensar é meio que retribuir o que fizeram comigo. Todas essas pessoas que me ajudaram a cuidar melhor de uma sala de aula, enxergar como eu podia ser melhor profissional. Isso me mobilizou muito. Eu tinha e tenho coisa para compartilhar, aprendo junto porque o período de formação é maravilhoso.

Não me lembro se coloquei no relato que eu pensei agora olhando as imagens de novo: perguntas, problemas isso sempre me impulsionou. Eu sempre tinha perguntas para fazer. Eu olhava as situações e precisava de respostas... então por ter perguntas eu acabava tendo gente que me podia me ajudar de alguma maneira.

Como foi dizer por meio das imagens?

Eu gosto muito de imagens, gosto de fotografias e outras mídias. Mas gosto muito de falar.

A primeira foi difícil de achar, porque eu precisava começar. Fiquei entre umas três ou quatro. Eu queria fazer um mosaico. Tudo o que eu tinha visto de imagem não me ajudava a dizer tudo o que eu queria dizer. Quando escolhi a primeira fui pensando em mim, no que eu tinha escrito, no que eu queria dizer.

Quando eu vi a escada, com essa porta aberta com as luzes e as rosas, e pela possibilidade de caminho, aí pensei caminho tem tudo a ver comigo. Caminho foi a palavra chave, depois dele veio todas as outras, as pessoas. Estou até olhando para ele: o que me chamou a atenção nessa imagem foi a escada iluminada, depois eu vi o restante e eu me imaginei subindo. É caminho, é por aí que eu vou começar.

A hora que eu defini isso aí eu olhei para todo o restante e pensei: tem tudo a ver comigo. Esse caminho foi sempre rodeado de gente eu também estava lá.

Eu já vivi uma experiência de dizer por meio de imagem e utilizo isso na formação. Levei algumas imagens para falar com uma coordenadora para ela falar de avaliação. Ela trouxe um conteúdo na fala que eu até sentei e pensei como vou lidar com isso agora. Primeiro porque descontraíu o clima porque falar de avaliação era uma coisa tensa. Era um jeito diferente... foi um rol de imagens e como já tinha vivido isso e sabia que o assunto era complexo, disse para ela escolher uma ou várias que as ajudassem a dizer sobre a avaliação, para não dizer a mesma coisa.

As palavras que vieram depois das imagens eram palavras diferentes; ela falava para mim que estava sendo verdadeira.

A hora que eu espalhei as imagens na mesa eu reparei uma coordenadora tensa, depois que ela viu as imagens ela descontraíu, ria e era uma outra coordenadora para falar de avaliação.

Esse jeito de dizer tem poder de fazer com que a pessoa olhe para si, veja o que ela sente e tente dizer de forma diferente. Eu posso dizer isso porque vivi isso.

Ela falava dela, das crenças dela frente às crenças institucionais. Ela disse: “isso sou eu! Eu Sei que a gente trabalha numa instituição que não pensa como eu penso, mas dá para conversar.” Foi muita coragem dela.

Eu tenho certeza se a gente começasse a conversa sobre com uma conversa sem as mediações da imagem não viria desse jeito.

Sujeito 6

Sebastião Fernandes, 38 anos, é formador de professores do ciclo II (4º e 5º anos do ensino fundamental) da rede escolar SESI-SP desde 2001. Atuou como professor por 10 anos, sendo seis no ensino fundamental e quatro na educação infantil.

São suas palavras e imagens ...as que se seguem:

INSTRUMENTO 1 – Relato de fragmento autobiográfico

Consigna: Como se chega a ser o que é?

Escolhi escrever meu relato sob a forma de uma carta. Esse gênero mais indicado geralmente para pessoas distantes parece ser incoerente entre pessoas que se vêem todos os dias, porém quando se trata de questões natureza tão íntima como é a formação profissional e percurso pessoal é o mais indicado.

Tudo se iniciou quando ainda eu tinha 14 anos e já possuía a idéia fixa de ser professor, mesmo estudando o curso de Eletricista de Manutenção no Senai. Enquanto eu era obrigado a estudar o curso dos sonhos de meu pai aproveitava biblioteca da instituição para ler tudo sobre didática e questões sobre educação, já que essa era a minha realização.

Sempre sonhei em ter meus alunos e a profissão que o Senai me preparava tornava cada vez mais distante o sonho. Tomei, por conta própria, a decisão de me demitir de uma empresa que havia prometido me contratar mesmo após o período do estágio.

Tratei logo de batalhar pelo meu sonho de ser professor, pois sempre admirei o “status de professor,” como sendo aquele que é referência em sabedoria, leitura... Matriculei-me em Magistério, ao que meu pai não pôs nenhum empecilho, juntamente a tudo isso fiz inscrição em várias escolas de Osasco, cidade em que moro. De início não pus muita fé que alguém se interessaria em me contratar, porém fui surpreendido com a contratação por uma escola chamada Gotinha Feliz. Veja só Simony, será que uma gotinha pode ser feliz... É que essa era uma escola que atendia os filhos de funcionários da CAEMO (Cia de água e esgoto de Osasco)..

Nesta escolinha conheci, bem no início de minha formação (2º ano de magistério), a realidade de uma escola. Nesta época já sabia que não seria nada bom ser tradicional, mesmo sem saber definir ao certo o que era tradicional, pois pensava que este conceito estava diretamente ligado ao fato de usar atividades mimeografadas. Neste período de minha vida pude perceber o quanto é importante a figura masculina na Educação Infantil, pois os alunos encontravam o equilíbrio da presença da mulher e do homem durante sua formação inicial.

Porém, um fator diferente vai se manifestar na história de minha vida, é que enquanto eu conversava com minhas colegas de magistério eu pude perceber que algumas já trabalhavam em escolas “de verdade” e eram verdadeiras professoras.

Essa palavra (professor) me mobilizou para a busca de mudança de emprego e me aventurei em escolas públicas e assumir o cargo de PROFESSOR substituto o que não deu muito certo, porque eu não tinha uma turma só minha.... e isso era fundamental para quem queria ser PROFESSOR.

Nessa busca do meu ideal consegui um espaço para realização... Inscrevi-me no programa de alfabetização de adultos de Osasco. Este foi o meu laboratório de sala de aula. Lá comecei a lidar com as alegrias e as dificuldades da profissão... Comecei a enfrentar a derrota tão

conhecida pelos alunos adultos que não acreditavam em seu potencial, mas queriam muito aprender.

Depois, dessa etapa inicial trabalhei em escolas particulares, particularmente com crianças de terceira e quarta séries. A grande riqueza desta profissão é a oportunidade de experiências e vivências. Eu, com apenas quatro anos de magistério já havia tido contato com várias facetas (educação infantil, e ensino fundamental). Isso foi muito importante para construir minha identidade profissional. Com certa experiência, já me aventurava a explicar por que certas crianças não aprendiam, porém minhas teorias sempre estavam apoiadas na falta de participação da família e/ou falta de empenho do educando.

Sempre que tive a oportunidade de participar de cursos de aperfeiçoamento voltava para a escola com um novo gás e idéias, porém o ambiente enrijecido e resistente se encarregava de imobilizar qualquer mudança que eu, por ventura, tentasse realizar.

E assim, com muita timidez, eu tentava buscar soluções para meus alunos que não aprendiam... Essa preocupação tem acompanhado a minha vida profissional desde a sala de aula até hoje nas reuniões de formação continuada de professores.

Resolvi fazer o curso de pedagogia movido por dois interesses: a manutenção do meu emprego (pois, existia o risco de ficar desempregado por não ser graduado) e voltar a estudar.

Na faculdade, tive contato com uma formação que não tinha ligação com a realidade da sala de aula. Muitas vezes os professores atuavam como “indicadores de tarefas” e nós, que já estávamos em sala percebíamos um abismo entre a formação acadêmica e a sala de aula real. Muitas vezes, ao ouvir meus professores falarem fiquei me questionando sobre como se sentiam as colegas de sala que nunca tiveram contato com o “pedagogês” e a realidade escolar... Não foram poucas às vezes em que me peguei tentando ajudar minhas colegas de sala, já que o curso de magistério me colocava em um nível mais avançado do que elas. Hoje eu me pergunto se não seria melhor que as faculdades tentassem rever suas propostas de curso contemplando a dimensão do magistério e intensificando um estudo mais aprofundado

da didática específica de cada área do conhecimento. Talvez seria essa a chance que alguns professores recém formados poderiam ter para enfrentar a sala de aula logo após o término do curso com um pouco mais de competência.

Ao terminar o meu curso de Pedagogia prestei o concurso interno do SESI para atuar como formador de professores e hoje atuo no programa de formação continuada da rede. Nesta nova etapa novos desafios se colocaram em minha caminhada profissional: estabelecimento de uma nova identidade profissional sem negar a origem de educador, reconhecer a proposta da rede e estabelecer sistemática de formação, atuar como formador de professores, interferir na aprendizagem dos alunos, porém de forma mais indireta. Tive que buscar a aquisição de competências formativas que até então eu não tinha e, nesse aspecto tive uma grande ajuda de todos os meus formadores os consultores contratados pelo SESI, que têm uma grande parcela de mérito em relação ao meu desempenho como formador com os professores do Ciclo II. O hábito de estudo foi uma aprendizagem que considero fundamental para que eu pudesse desempenhar meu papel e começasse a tomar consciência da realidade educacional do nosso país e da rede.

Hoje, ainda não encontrei respostas para algumas de minhas angústias e ainda e pude acrescentar outras novas para o meu repertório: Como ajudar ao professor a continuar aprendendo? Como despertar o olhar do professor para o novo? Como contribuir de forma mais direta com a realidade das salas de aula e não perder a consciência do real? Que estratégias formativas podem realmente impactar o professor de forma a promover avanços qualitativos na qualidade de ensino?

Como você pode ver, Simony, após vinte anos de experiência no campo educacional o que mais colecionei forma perguntas e inquietações. Alguns poderiam considerar isso como negativo... Eu, no entanto, acho que isso é próprio do movimento e da aprendizagem... Acredito que hoje sou mais professor do que ontem e quero sê-lo mais ainda amanhã, pois é a forma de apaixonar-se pela incompletude do ato de educar.

INSTRUMENTO 2 – PORTFÓLIO

Consigna: Imagens de mim



INSTRUMENTO 3 – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- O que as imagens contam sobre a sua história de formador?
- Como foi elaborar este portfólio? Ou Como foi dizer por meio das imagens?
- Que percurso utilizou para selecionar as imagens? Como foi o processo de escolha e organização das mesmas?

As imagens contam o meu percurso, minha trajetória como formador e ao mesmo tempo a minha história como pessoa, porque não dá para separar o formador da pessoa. As imagens tentam retratar tanto os desafios quanto as aprendizagens.

As imagens também mostram o que eu espero futuramente para a formação. Quando eu escolho essa aliança, esse desenho, eu quero dizer que o processo de formação não tem fim, que eu quero continuar nesse projeto, quero continuar aprendendo porque a aprendizagem também é cíclica, ela não é final e enquanto projeto de vida eu quero continuar fazendo o bem para a humanidade. Enquanto eu estiver trabalhando com formação estou contribuindo para a humanidade.

Coloquei justamente uma criança do lado caminhando porque eu acredito que quando a gente mexe com formação a gente desperta a criança que existe dentro do outro, o aprender que mantém a gente vivo.

Logo do lado coloquei o olhar porque não existe a aprendizagem sem o olhar e o formador precisa ter o olhar aberto, não um olhar aberto com a minha lente, mas um olhar aberto para a realidade, para o que eu quero da vida e dos professores.

O olhar foi a primeira figura que escolhi. Porque o mais difícil na formação é saber olhar para si mesmo, para o outro... essa pra mim é a imagem mais marcante.

A outra figura marcante é a escrita no sentido de escrever a minha história e a do outro. Ontem eu conversando com umas amigas na formação eu percebi isso que eu quero deixar marcas. Escrever é deixar marcas, quero deixar marcas boas, marcas de construção, algumas doloridas.

A escrita tem um sentido muito forte em termos de formação. Eu quero escrever história e fazer história junto com os outros e quero continuar a fazer formação.

A leitura, eu coloquei o menino maluquinho lendo porque eu me encontrei formador, aprendi a ser formador e da necessidade de ler a partir de ser formador. Eu me cobro muito da necessidade de ler e quando eu me cobrei eu acabei encontrando um caminho para crescer enquanto pessoa.

E o menino maluquinho não foi à toa. Eu me sinto muitas vezes como o menino maluquinho porque fazendo a minha tarefa de ser formador eu me divirto... e aprendo. Para mim é muito prazeroso. Eu achei também que estava muito pesado as minhas imagens, só coisas muito profundas, eu queria uma coisa divertida, coisa de criança.

O rapaz dando a impressão de segurar a luz. Eu acredito que o mundo é feito de luz e a missão do educador é acender luzes tentando diminuir um pouco as trevas. Por ultimo, a última que escolhi foi a imagem das duas mãos que seguram o mundo. É o poder criativo. Eu imagino que ser formador, ser educador é ter nas mãos o poder de criar, de fazer diferente, de construir diferente, o poder de ser diferente.

A parte divina do homem , divina e bonita, que é o poder criativo. Eu quero sempre e tudo isso mostra o quanto eu gosto de tudo que eu faço, o quanto de paixão tem no que eu faço.

E como foi chegar a ser o que você é. Como essas imagens te fazem refletir essa condição de ser formador?

Por exemplo, a escrita mostra o quanto a gente vai construindo. Quando eu comecei a fazer formação eu não tinha noção o que era fazer formação, pensava que era cumprir pauta, cumprir o que estava escrito.

E quando eu ponho olhar eu estou dizendo que a formação se faz na construção com o outro, interação com o outro. Por isso, se você observar o olhar é uma das maiores figuras ocupa bastante espaço porque eu aprendi nesse tempo todo de formação que não se faz formação sozinho, despejando pauta, mas olhando o outro,

tentando descobrir as necessidades, as angústias e às vezes não ter resposta e só ficando olhando, porque a gente não tem resposta para tudo...

Aqui também escolhi a criança em relação à humildade. Não é a mediocridade nem a aquela idéia que eu preciso dizer que não sei nada, mas é se convencer que não sabe nada mesmo. A realidade é tão complexa que eu não vou dar conta nunca, então a criança no sentido de humildade e só vou aprender se eu olhar.

Como foi dizer por meio das imagens?

Esse exercício de falar por imagens vem desde aquele trabalho que você fez conosco. Isso foi tão marcante porque a gente primeiro teve que olhar para aquela imagem e dizer que mensagem que ela estava dizendo para nós. Foi tão forte que teve tanto sentido que levamos para a formação e essa experiência marcou até o professor porque lembro quando a gente levou as imagens eles faziam interpretações pessoais, das vivências deles.

Exercício difícil porque a imagem é aberta ela deixa você navegar e encontrar os sentidos, seus significados... eu percebi que o professor embarcou nessa porque a imagem não tem o preconceito da linguagem escrita; ela até tem uma gramática mas não é tão fechada quanto a da língua e você pode se soltar aparecem sentimentos e saberes que não estão tão fáceis de aparecer.

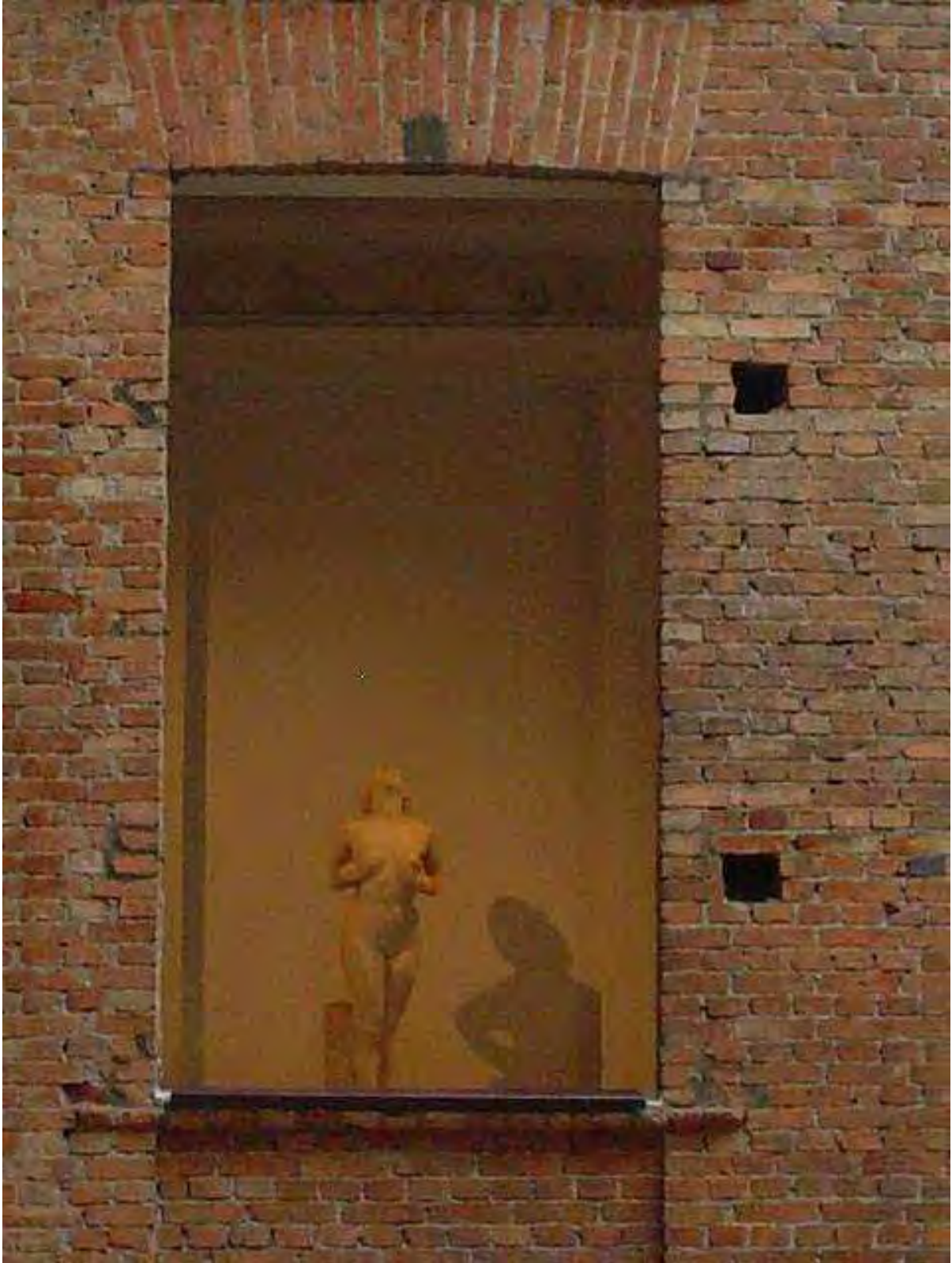
Na formação agora estamos pensando em levar imagens de novo para ressaltar esse poder criativo neles.

Tive resistência em organizar essas imagens. A minha formação em arte é muito fraca, rudimentar. Meu desafio foi: como vou comunicar para alguém por meio de uma linguagem tão aberto. Pensei em fotografia, pensei em desenhar, mas achei meus desenhos muito infantis. Então busquei na internet a partir de umas pistas. Eu comecei pela imagem do olhar. O forte da minha história como formador é o olhar. Essa da aliança representando aprendizagem eterna. A escrita.

Peguei palavras-chaves: coragem, olhar, aprender, humildade, criação, criatividade, acreditar...

Na composição das imagens estou mais presente porque quando eu falo das imagens eu consigo extrapolar além das imagens, consigo mostrar o quanto de criatividade tem meu fazer que não está marcado na escrita.

CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DOS DADOS OU A POLISSEMIA DAS PALAVRAS E IMAGENS



Uma mulher nua, despida,... seu corpo demonstra seu desejo de lançar-se, *tombar-se* em busca de algo. Ao seu redor, tijolos circunscrevem o seu pensar, mas ela não está cercada como se não tivesse saída ... há possibilidades de alçar vôo. Está ali inteira. A luz e a sombra a acompanham: são seus saberes e não-saberes

Essa mulher sou eu-pesquisadora diante do desafio de construir os dados desta pesquisa. Sim, *construir*, pois os dados não foram simplesmente coletados, colhidos para serem ordenados como se o conhecimento já estivesse pronto e ao pesquisador bastasse colhê-lo e descrevê-lo com base em categorias previamente estabelecidas. Os dados e as informações, aqui produzidos, serão tratados na busca de construí-los e integrá-los aos fundamentos teóricos, num diálogo vivo e dinâmico como é a vida de uma pesquisa.

Retorno a imagem da mulher-eu. Estará ela sozinha? O ato de construir relações é um ato solitário, mas o pensar é habitado por várias idéias, conhecimentos e conceitos de autores que passam comigo nesse caminho labiríntico na busca de compreender a linguagem, em seu sentido mais amplo.

Palavras situadas em um contexto de relatos, imagens que ajudam a pensar e dizer e o discurso oral, unindo as duas fases, encerram o ciclo proposto de dizer/pensar, pensar/dizer dessa pesquisa.

Diante de tantos conteúdos escritos, representados e falados ficam algumas dúvidas, sendo uma delas: como organizar tais dados de modo que haja objetividade, ou seja, de modo de seja possível explicitar relações na busca incessante por encaminhamentos que dêem conta do problema perseguido?

As aproximações sucessivas com os dados produzidos pelos sujeitos da pesquisa me remeteram a buscar relações existentes entre as duas grandes etapas do trabalho: os relatos de fragmentos autobiográficos e o discurso reelaborado mediado pelas imagens que ajudaram a dizer e a pensar, procurando responder a principal questão que me moveu e impulsionou a pesquisa: *as imagens podem*

ampliar os sentidos que os sujeitos possuem sobre sua condição de formador de professores?

Para isso, a palavra será tomada em seu contexto de produção, isto é a palavra que registra reflexões de forma escrita e oralmente. Essa última mediada pelas imagens, buscando destacar, em ambas, as variações nas formas de dizer/pensar e, portanto, o surgimento de novas palavras que indiquem novas formas de pensar e atribuir sentidos ao que se pensa, sente e faz.

Assim, em mais uma etapa de contato com os dados e informações que os sujeitos me “*deram a ler*”, avanço no sentido de pensar e buscar algumas respostas à minha hipótese inicial. Para tanto organizei o material produzido por eles, selecionando suas palavras escritas, estabelecendo relações entre o que a palavra disse/pensou no relato de fragmentos autobiográficos e o que a imagem (re)significou nesses dizeres e pensamentos.

Ler as palavras e as imagens dos sujeitos foi um ato que exigiu movimentos de generalizações e de aprofundamento, ou seja, para pensar sobre o que disseram/pensaram e como disseram/pensaram, tive de sobrevoar as produções, fazendo interpretações flutuantes. Busquei, nesse momento, identificar-me com as palavras e imagens que os sujeitos trouxeram e, muitas vezes, tomei como minha aquelas produções porque me fizeram pensar muito sobre o meu próprio processo de construção de sentidos o que me torna também sujeito desta pesquisa.

Pareyson (1997) explica a interpretação do sujeito diante de uma obra de arte como um processo que envolve

uma simpatia, uma congenialidade, uma sintonia, um encontro entre um dos infinitos aspectos da forma e um dos infinitos pontos de vista da pessoa: interpretar significa conseguir sintonizar toda a realidade de uma forma através da feliz adequação entre um dos seus aspectos e a perspectiva pessoal de quem olha. (1997, p. 226)

No segundo movimento, que se caracteriza em estabelecer relações entre os instrumentos – o que disseram/pensaram por meio da palavra escrita e o que

disseram/pensaram quando a imagem protagonizou o momento __, exigiu de mim o mergulho, ou seja, o aprofundamento necessário para construir novas relações a partir daquilo que pude objetivar dos instrumentos. Nesse mergulho identifiquei dois temas-eixo:

1. Percurso Profissional e
2. Sentidos atribuídos ao ofício


Em cada um deles organizei excertos, extraídos do relato e da entrevista mediada pelas imagens, destacando algumas idéias. Ao final dessa organização, produzi reflexões teóricas, resultado do confronto das palavras antes das imagens e das palavras após as imagens com o título *“Reflexões suscitadas no confronto entre a palavra e a imagem”*.

A seguir, apresento os dois momentos: o vôo e o mergulho que chamarei de níveis de reflexão.

3.1. O vôo ou primeiro nível – **O que vejo, o que penso e o que sinto diante das imagens dadas “a ler”?**

Experiência é aquilo que o fluxo da minha vida me fez pensar.

M.L. Santaella

 Ler as imagens trazidas pelos sujeitos configura-se, no percurso dessa pesquisa, mais um desafio de descrever processos experienciais; de explicitar reflexões e suas articulações na construção de conhecimento.

Diante das imagens, fiz muitas leituras a partir de minha percepção. Mas o que é perceber?

Santaella (2007) define que

perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido. (2007,p.51)

Assim, posso entender que perceber é uma ação carregada de reflexão, de esforço de atribuição de sentido e, portanto, o que vivenciarei no contato com as imagens que me derem a ler é uma experiência estética.

Vigotski(2001) me ajuda a aprofundar essa idéia quando diz que

(...) a percepção é um trabalho difícil e cansativo do psiquismo. É evidente que uma obra de arte não é percebida estando o organismo em completa passividade e não só pelos ouvidos e os olhos mas através de uma atividade interior sumamente complexa...(2001,p.332)

Nessa perspectiva, Santaella (2007) contribui ainda mais com essas idéias ao explicar que

o simples ato de olhar já é carregado de interpretação, visto que é sempre o resultado de uma elaboração cognitiva, fruto de uma mediação sónica que possibilita nossa orientação no espaço por um reconhecimento e assentimento diante das coisas que só o signo permite. (2007, p.51)

E porque o signo permite? Ainda segundo a autora, o signo está sempre numa relação de representação que depende de quem interpreta, de sua história, de seu repertório de vida e, dessa interpretação, novos signos surgirão para serem de

novo interpretados ou reinterpretados, tratando-se de um processo ininterrupto de pensar o pensamento e construir novos pensamentos que serão pensados e assim por diante.

Nesse sentido, *tombo-me* como diz Larrosa diante das imagens e me deixo levar pelos pensamentos, sentimentos e reflexões que irão surgir dessa relação com os Outros.

Começo dispondo as imagens em uma mesa, todas misturadas porque nesse momento não me importa quem são os sujeitos. Fico diante delas observando suas formas, cores, tamanho, disposição na folha em branco, objetos que representam.

Olhando todas juntas, começo a perceber que muitas se assemelham na natureza da representação: os sujeitos utilizam muito de livros, pessoas e elementos naturais como flores e animais. Tenho um primeiro movimento de agrupá-las.

Nesse movimento, identifico cores fortes como azul, amarelo, vermelho, mas também há o branco e o preto; em relação aos traçados percebo curvas sinuosas, arredondadas e também linhas retas. Tijolos e tempestade convivem com flores, nuvens e oceanos. Estátuas ficam próximas de pássaros e pessoas reais, fotografadas; parece haver um esforço de trazer a idéia de que em um processo de formação há que se considerarem as permanências e as mudanças; o estático e o móvel; o real e o ideal.

Voltando-me à individualidade de cada um na organização das imagens, separei-as por autoria: o que trouxe cada um?

O emaranhado de fios e a tempestade do Laor me dizem que, na relação formador-formando, é preciso haver espaço para os conflitos; são nas confusões de idéias que os fios emaranhados representam que podem nascer idéias, saídas, luzes como os relâmpagos de um céu escuro. Mas o que pode representar os tijolos empilhados? Ainda não é uma construção; estão para servir a alguém que vai com eles construir algo. A preocupação do Laor, em fazer da formação um espaço de

construção/reflexão do professor em relação a sua própria prática, parece ter de conviver com o fato de a instituição SESI-SP dar os tijolos, bastando a ele e aos professores os colocarem em uma ordem. Os fios emaranhados e os tijolos para serem dispostos numa ordem pré-estabelecida evidenciam as contradições e angústias existentes em um projeto de formação que toma o modelo ora como prescritividade ora como possibilidade de reflexão.

O portão aberto que Mariangela escolheu no conjunto de suas imagens me lembram portas, travessia, passagem; um portão tão convidativo, que mostra só um pouco do que é possível encontrar fora daquele espaço, mas, que pelo pouco que se deixa ver é possível imaginar um mundo de experiências.

O livro que ela dispõe no centro de seu conjunto de imagens me remete aos saberes que precisamos ter ou buscar para trilhar os caminhos ou transpor o portão. Esse portão será a busca de escola como foi representada na outra imagem? Os alunos estão em um grande pátio, não estão na tradicional sala de aula, olham-se e alguns estão com os braços levantados. Querem perguntar algo? Há adultos que não estão diante dos alunos como figuras de imposição, mas sim estão entre eles. Uma imagem que desconstrói a idéia de *arrumar e deixar tudo certinho* dos tijolos do Laor.

O gatinho diante de cães ferozes do Saulo - o medo e a coragem que andam juntos quando se faz a escolha de se expor, como ocorre em um processo de formação. Expor-se, mostrar-se, desnudar-se, estar diante de profissionais de sua área de formação e desempenhar a função de formador, mostrando-se competente nos conteúdos preparados para discussão. Mas o medo recai sobre aquilo que não tem preparo prévio, ou seja, o que o professor irá trazer para aquele contexto: as dificuldades da prática, as críticas ao sistema, as dúvidas que ele de fato tem àquelas que ele faz para “testar” o formador. Perrenoud (2003, p. 27) afirma que “não basta ser *afastado* para ser formador ou ser reconhecido como formador”. Isso significa que a identidade do formador perante o grupo de professores se constrói na própria ação de ser formador e não somente por um cargo atribuído a alguém. Segundo a autora Vera Maria Nigro de Souza Placco, no livro *Aprendizagem do adulto professor* (2006), organizado por ela, citando Dubar (1997), explica o que

caracteriza o processo de construção de formas identitárias:

uma tensão constante entre a atribuição e a pertença, ou seja, há um jogo de forças entre o que nos dizem que somos, como nos identificam, e o que sentimos e pensamos que somos, como nos definimos e nos identificamos.(2006, p. 21)

As escolhas de Cidamara me fazem refletir sobre o trabalho do formador no momento dos encontros com os professores em criar, produzir a partir de diferentes recursos, materiais e linguagem. Flores, pássaros; cores, formas, figuras e fotos – todas essas formas de representar criam um texto repleto de sentidos, de sentimentos e conhecimentos. Além disso, Cidamara demonstra em suas produções o cuidado e o carinho na preparação do material, quando recorta, cola, desenha, pinta figuras delicadas e que revelam a sua formação de professora de educação artística. Cuidado é um aspecto a ser considerado em processos formativos. O que significa cuidar do outro? Será acolher suas idéias, escutar atentamente suas necessidades, fazê-lo (re)pensar sobre o que diz e pensa e faz? Será também adotar uma atitude de oposição, quando necessário?

Na dissertação “O cuidar na ação do formador de professores” (2008), produzida de Viviane Laperuta Marquezano, sob a orientação da Professora Doutora Laurinda Ramalho de Almeida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, segundo referencial walloniano, aponta, que

(...) acolher o outro na constituição da pessoa é ao mesmo tempo uma relação de oposição, na qual o eu e o outro fazem uma parceria de complementaridade e luta de diferenciação.

Cintia escolheu um jeito de dispor suas imagens que exigiu de mim o esforço de lê-las, identificando o todo e as partes, ou seja, enxergar o fundo e as sobreposições separadamente e depois o todo. Olhando mais um pouco percebo que o fundo de sua imagem faz lembrar o portão aberto de Mariangela, as flores de Cidamara, a luz e sombra presentes em uma escada lembram ainda o claro e o escuro do céu do Laor. O estilo com que organizou suas imagens que chamarei de “mosaico” diz muito sobre a formadora que busca sempre corresponder à complexidade das idéias ao abordar alguma temática sobre a formação.

A formação pode ser associada às metáforas de *porta, portão* como algo que permite entradas e saídas, possibilidades e limites; *escada e seus degraus* que ora servem para subir, ora para descer, ou dito de outra forma, avanços e recuos na aprendizagem dos professores que vão se aproximando e se distanciando dos conhecimentos didáticos à medida que atribuem (ou não) sentidos ao que se apresenta como *ação/reflexão*; *flores e seus espinhos* fazendo lembrar as sutilezas e as durezas da ação formativa; *claros e escuros* representando a certeza e sua principal característica nos tempos atuais: a provisoriedade que a transforma em dúvidas e incertezas.

Lendo as imagens que Sebastião organizou em seu portfólio me chama a atenção o olho, mas não o olho que olha, mas o olho que reflete, pois dentro dele existe outra imagem refletida remetendo às idéias já trazidas nas bases teóricas dessa pesquisa de que o ato de olhar não é um ato meramente físico. Olhar implica fazer escolhas, pensar sobre elas e olhar de novo e quantas vezes forem necessárias buscando articular o que se vê ao que se pensa.

Todo esse universo particular que elaboro a partir das imagens que os sujeitos trouxeram para a minha pesquisa diz muito sobre meu próprio percurso profissional, sobre minha vida, sobre os lugares que ocupo como pesquisadora e como formadora: os conflitos, os medos, as oportunidades, os saberes e, nesse momento reporto-me à epígrafe desse texto: (...) *experiência é aquilo que o fluxo da minha vida me fez pensar.*

Detenho-me nessa reflexão à idéia de que é o fluxo da minha vida, portanto, de uma vida e não de qualquer vida. Aqui residem, a meu ver, dois importantes conceitos: o da *experiência* como algo singular e o da *relação arte-vida* que, segundo referencial vigotskiano, diz que “*arte não é uma contemplação da vida, mas decorre daquilo que no homem é superior à vida.*” Diz, ainda, Vigotski (2007):

O “milagre” da arte lembra antes a transformação da água em vinho, e por isso toda obra de arte sempre implica algum tema real concreto ou uma emoção absolutamente comum ligada ao mundo. Mas a tarefa do estilo e da forma consiste justamente em superar esse tema referencial real ou o colorido emocional do objeto e transformá-lo em algo absolutamente novo. (2007, p.340):

Assim, todo esforço em ler as imagens dos sujeitos teve por objetivo fundamentar esse movimento do singular e do coletivo numa relação mediatizada por uma linguagem, nesse caso, as imagens, ou seja, existir em relação com o Outro, assim como Santaella (2007) define:

Existir é estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares, confrontar-se com outros corpos. (2007, p. 47)

3.2. O mergulho ou segundo nível: *o que disseram/pensaram os sujeitos e como expressaram esse dizer e pensar no relato e no discurso mediado pelas imagens?*

Ao ler atentamente as produções escritas e orais dos sujeitos, fui observando alguns temas-eixo recorrentes em todo o material.

A expressão “*como se chega a ser o que é*” direcionou à abordagem para dois temas-eixo, denominados “*Percurso Profissional*” e “*Sentidos atribuídos ao ofício*”.

A seguir, alguns excertos organizados nos dois temas-eixo:

3.2.1. O tema-eixo 1 – Percurso profissional – como os sujeitos contam seu itinerário profissional por meio das palavras e das imagens?

As histórias pessoais da experiência profissional permitem ao sujeito fazer um inventário de suas experiências, saberes e competências profissionais conquistadas, recuperando, biograficamente, seja com as palavras, seja com as imagens, sua própria história, refletindo sobre suas escolhas passadas, as oportunidades, realizações ou frustrações; podem, ainda, projetar seu futuro profissional. O que conta as palavras e as imagens sobre este percurso?

No contato minucioso dos trechos selecionados a seguir sobre esse tema-eixo, fui objetivando aspectos predominantes em cada um dos tipos de instrumentos: no relato em que a palavra foi protagonista e, no portfólio, em que a imagem mediou

o dizer. Os grifos, por mim incluídos em cada um dos excertos, têm por finalidade destacar palavras ou expressões correspondentes a algumas reflexões e fundamentações que explicitarei no subtítulo “*Reflexões suscitadas no confronto entre a palavra e a imagem*” que acompanha cada um dos eixos.

➤ **O que a palavra contou do percurso profissional no relato de fragmentos autobiográficos?**

“Minha história como formador de professores inicia a partir dos meus estudos para o concurso de Analista Pedagógico, por meio destes, percebo uma boa oportunidade para desempenhar meu potencial.” (SUJEITO 1)

“Comecei a lecionar em 1993, no noturno para o Ensino Médio e durante o dia trabalhava na Prefeitura de Santos. No ano de 1994, uma mestra querida me convidou para trabalhar na escola particular em que ela era coordenadora.

Em 1995 foi o ano só do Estado. Em 1996 perdi minhas aulas no Estado porque não era efetiva e fiquei só trabalhando na Prefeitura. Mas em agosto de 1998, me chamaram para uma seleção no SESI. Fiquei super contente, pois havia um tempão que eu havia deixado um currículo. Em 2000 prestei concurso no Estado, passei e até 2005 minha jornada era manhã, tarde e noite.

(...) em 2004 quando houve novamente o concurso, prestei mais por insistência da minha coordenadora do que por vontade própria e não é que passei em 2º lugar! Ainda assim não acreditava que pudesse vir a exercer esse cargo. Até que um belo dia, em agosto de 2005, recebi o telefonema do DRH para assumir o cargo.” (SUJEITO 2)

“Iniciei meu trabalho como formador de professores no dia onze de abril de 2007. Foi assim que prestei o concurso para o cargo de analista pedagógico no início de 2007 e acabei conseguindo a vaga”. (SUJEITO 3)

“Logo após conclusão do magistério, iniciei o curso de Educação Artística, na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, com especialização em Artes Plástica e Desenho, formação esta para Professores do Ensino Fundamental e Médio. Posteriormente fiz o Curso de Pedagogia, na Universidade São Judas, com especialização em Administração Escolar e Magistério, Orientação Educacional, e Supervisão.

Há vinte e dois anos na rede Escolar do Serviço Social da Indústria e sete anos no cargo de Analista Pedagógico, onde exerço a função que dá Assistência aos Professores da rede através da formação continuada, como apoio e suporte técnico pedagógico.” (SUJEITO 4)

“... fiz o vestibular para educação física. A faculdade era uma conquista para mim...

Ao longo do tempo veio a oportunidade de trabalhar como professora na educação infantil e ensino fundamental de ciclo I em meu município – Guarulhos.

E, em 2000, ingressei por concurso, na rede escolar SESI-SP como professora de educação Física

...quis participar do concurso para analista pedagógico no SESI e para Coordenador na Prefeitura em 2003, fui chamada a assumir nos dois lugares. Escolhi o SESI porque considerei ser a Educação Física o meu caminho de formação e acreditava também que poderia aprender a ajudar mais aqui.” (SUJEITO 5)

“Tudo se iniciou quando ainda eu tinha 14 anos e já possuía a idéia fixa de ser professor,

... Matriculei-me em Magistério, ao que meu pai não pôs nenhum empecilho, juntamente a tudo isso fiz inscrição em várias escolas de Osasco, cidade em que moro. De início não pus muita fé que alguém se interessaria em me contratar, porém fui surpreendido com a contratação por uma escola chamada Gotinha Feliz.

Nesta escolinha conheci, bem no início de minha formação (2º ano de magistério), a realidade de uma escola.

Inscrevi-me no programa de alfabetização de adultos de Osasco. Este foi o meu laboratório de sala de aula. Lá comecei a lidar com as alegrias e as dificuldades da profissão...

Depois, dessa etapa inicial trabalhei em escolas particulares, particularmente com crianças de terceira e quarta séries.

Ao terminar o meu curso de Pedagogia prestei o concurso interno do SESI para atuar como formador de professores e hoje atuo no programa de formação continuada da rede.” (SUJEITO 6)

- O que as imagens ajudaram a dizer/pensar sobre o mesmo percurso profissional?



*“As imagens contam um pouco de **dificuldades**. Quando escolhi essa imagem com raios e trovões... é como se fosse um caos, **estava difícil tentar compreender como eu ia ser formador**, como eu ia me tornar formador, justamente por isso que escolhi esta imagem.”*
(SUJEITO 1)



*... é um ir e vir... a gente **acha que está acertando...acha que está errando.***

” (SUJEITO 2)



“Sou novo nessa profissão...
 Primeira imagem que eu
 selecionei é um rapaz roendo
 a unha ... particularmente
 tenho esse vício de roer as
 unhas ... **mostra uma
 pessoa aflita no começo...**
Me sentia ameaçado porque
 tentava conter muito com as
 palavras... **“(SUJEITO 3)**



“As imagens contam
 principalmente da
persistência. Tem que ser
 muito persistente...
“(SUJEITO 4)



*Hoje essa imagem trata de **leveza** que eu gosto de dar à formação, dessa coisa leve, bonita, feliz porque eu acho que quem está nessa está curtindo... é uma delícia, enfim e desse contexto da leveza, da descontração porque tem muito de mim nessa imagem.* **(SUJEITO 5)**



*“As imagens também mostram o que eu **espero futuramente** para a formação. Quando eu escolho essa aliança, esse desenho, eu quero dizer que o processo de formação não tem fim, que eu quero continuar nesse projeto, quero continuar aprendendo porque a aprendizagem também é cíclica, ela não é final e enquanto projeto de vida eu quero continuar fazendo o bem para a humanidade.”* **(SUJEITO 6)**

Reflexões suscitadas no confronto entre a palavra e a imagem em relação ao tema- eixo 1:

A reflexão “como se chega a ser o que é”, proposta aos sujeitos inspirou-os a resgatarem na memória os percursos vividos na escolha da profissão e na condição de formador que hoje se encontram.

“Minha história como formador de professores inicia a partir dos meus estudos para o concurso de Analista Pedagógico...”

“... agosto de 2005”, recebi o telefonema do DRH para assumir o cargo.”

“Iniciei meu trabalho como formador de professores no dia onze de abril de 2007 ...em 2003, fui chamada a assumir...”

“Ao terminar o meu curso de Pedagogia prestei o concurso interno do SESI para atuar como formador de professores e hoje atuo no programa de formação continuada da rede.”

Esse breve inventário de fatos, acontecimentos e datas demonstram o quanto é rico o exercício de buscar na memória, de lembrar, detalhar, citar quando e quem participou dos processos vividos, portanto por si só já é uma ação formativa, pois, ao explicar os fatos, acontecimentos e épocas, o sujeito restabelece um contato com suas pessoas que o influenciaram na escolha da profissão, as oportunidades profissionais encontradas no caminho; orgulha-se das conquistas, repensa os projetos que não deram certo, enfim, toma para si a autoria de sua história.

Nota-se que no relato de fragmentos autobiográficos, o percurso profissional é registrado na forma cronológica de fatos e acontecimentos, na maioria das vezes datados, ou seja, a preocupação foi contar os fatos no tempo histórico de como se tornou formador, ou melhor, como assumiram o cargo de formador.

A palavra na narrativa parece estar muito mais preocupada com a forma, com a ordem do texto do que com as idéias que se deseja comunicar. Isso não significa que os sentimentos não apareçam na produção escrita, mas a palavra grafada parece estar presa à tarefa maior que é conceituar, explicar, justificar, ou seja, quer mais dizer do que sentir.

As imagens fizeram emergir os sentimentos envolvidos no ofício hoje exercido: **dificuldades** (“*estava difícil tentar compreender como eu ia ser formador, como eu ia me tornar formador...*”), **dúvidas** (“*a gente acha que está acertando... acha que está errando*”), **medos** (... *mostra uma pessoa aflita no começo... Me sentia ameaçado*), **valores envolvidos na profissão** (“*Tem que ser muito persistente...*”, *leveza que eu gosto de dar à formação, dessa coisa leve, bonita, feliz porque eu acho que quem está nessa está curtindo...*), **perspectivas futuras** (“*que eu quero continuar nesse projeto, quero continuar aprendendo*”), enfim, podemos dizer que as imagens deram lugar aos sentimentos.

Entre uma narrativa cronológica, aparentemente factual e uma narrativa que dá interpretações, articulando entre si experiências no tempo e em contextos diferentes, há a passagem da questão “como é que me formei?” para a questão “como é que me conheço a mim mesmo?”. (JOSSO, 2004, p. 137)

O presente pulsa na autobiografia imagética e deixa pulsar as dúvidas, as inquietações, as contradições, os desejos, o que torna a experiência de dizer sobre si mesmo e seu ofício uma forma que possibilita maior integralidade do sujeito.

E por que a imagem pode possibilitar essa disposição contemplativa em processos reflexivos? Pareyson (1997) explica que

(...) chega-se a contemplação através de um processo muito ativo de interpretação, que longe de abandonar-se passiva e supinamente a obra, o ponto de vista onde colocar-se para olhá-la, perscrutou-a por todos os lados, defrontou-a de mil maneiras, interrogou-a longamente, instaurou um verdadeiro diálogo com ela, feito de perguntas e de respostas, de perguntas que se souberam fazer e de respostas que se souberam captar, tentou compreender-lhe o segredo, buscou a perspectiva mais reveladora e o aspecto mais eloqüente; em suma, desenvolveu uma atividade intensa e continua. (1997,p.207)

Na perspectiva apresentada pelo autor, a imagem pode sim provocar processos reflexivos desde que se estabeleça com a obra um diálogo, exigindo do sujeito uma iniciativa consciente e um controle vigilante. Isso significa que não se trata de qualquer leitura e suas possíveis considerações, mas de um processo que se busca um verdadeiro esforço de tradução e atribuição de sentidos ao que se pensa e diz.

3.2.2. O tema-eixo 2 – Sentidos atribuídos ao ofício ou o que e como os sujeitos pensam e dizem sobre o seu fazer profissional?

- Que sentidos as palavras atribuíram ao ofício de ser formador dos sujeitos no relato de fragmentos autobiográficos?

*“Ao iniciar a atividade como formador, **passo a pesquisar** muito sobre minha área de conhecimento - “ Ciências Naturais” e a concepção pedagógica proposta pela rede SESI-SP
No momento de preparação para os encontros **tenho muita preocupação de levar algo que atinja o professor para que ele perceba a importância de sua aplicação na prática de sala de aula.** Hoje em dia foco mais em pesquisar muito sobre minha área, estudar os referenciais curriculares para nos momentos de formação provocar discussões sobre a metodologia do ensino de ciências e a práticas de sala de aula”. (SUJEITO 1)*

*“(...) **Procuro estudar muito sobre o assunto que levo para discussão** e também procuro motivá-los e estimulá-los a ampliar a própria formação. **Sei que não atingimos a todos, porém busco esta meta** e quando vejo um professor dizendo que consultou um site sugerido, aplicou o modelo organizativo ou trazendo um livro que fala sobre o assunto que estudamos; nossa fico muito, muito satisfeita e me sinto realizada. “(SUJEITO 2)*

*“Se eu disser que já me sinto um formador de professores, estarei possivelmente cometendo um equívoco. Sei que estou no caminho certo, **com bastante dedicação e empenho nos estudos** e aprendendo muito com os parceiros de trabalho.”(SUJEITO 3)*

“(...) O fato de sermos todos os professores nos aproxima dos demais professores e de suas dificuldades”. (SUJEITO 4)

“(...) fui aprendendo que coordenar grupos é uma tarefa complexa; que nos reunimos profissionalmente em relação à tarefa que se tem a desenvolver...”(SUJEITO 5)

*“O **hábito de estudo** foi uma aprendizagem que considero fundamental para que eu pudesse desempenhar meu papel e começasse a tomar consciência da realidade educacional do nosso país e da rede.”(SUJEITO 6)*

- O que as imagens ajudaram a dizer/pensar sobre os sentidos do ofício de ser formador?



(...) é mais ou menos assim que eu acho que é a formação é: ao mesmo tempo parece que ser uma **confusão** e ao mesmo tempo não é; é como um desenrolar de fios, tentando **organizar** os fios, deixar eles certinho para que corra a corrente elétrica certinho, para que vá para o lugar certo que ela tem que ir, mais ou menos isso que a gente tenta fazer... chega lá, está tudo embolado e a gente tenta desembolar, da outra vez a gente tentar desembolar mais um pouquinho e deixar tudo certinho.

E aqui (os tijolos) é o **professor construindo, o professor fazendo conforme a gente tem discutindo e orientado.** o professor construindo a sua própria prática .. é essa a nossa proposta ... que esse professor se torne autor de sua própria prática, não que ele tem que fazer o modelo igualzinho.(SUJEITO 1)



*Esse portão aberto é uma coisa que tem sempre **muitas novidades**, você não sabe muito bem o que está por vir, você não sabe o que exatamente o que vai acontecer....(SUJEITO 2)*



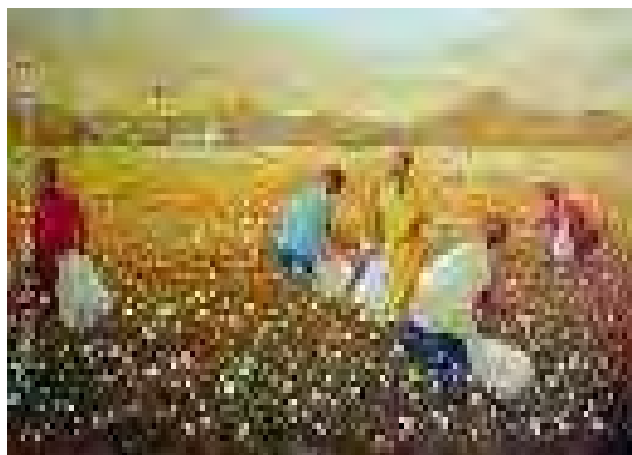
*(...) na formação a gente tem que levar alguma coisa para o professor refletir, então mesmo que ele ache uma coisa totalmente diferente, totalmente incabível de aplicar ele tem que parar para pensar... a partir disso elaborando as pautas eu procuro levar sempre coisas novas mesmo que o professor pense que não dá para fazer... Às vezes o professor pode ver isso como uma vaca voando... tem esse **distanciamento**... (SUJEITO 3)*



O formador faz isso ele se joga muitas vezes porque às vezes ele precisa pesquisar muito para chegar ao tema escolhido e às vezes isso é difícil.

(...) nem tudo são rosas; cada um vem com seu conhecimento e te confronta o que é muito importante

(...) **tem que ser um encontro de idéias, de valores, às vezes não acontece.** Voltei às flores e os laços... significa que você está **abraçando** o outro e quer ser abraçado.. eles trazem esse **aperto**... eu estou trazendo para você mas se você tem também me passe porque eu preciso disso para me alimentar. **(SUJEITO 4)**



(...) esse caminho nunca é isolado, solitário, é sempre permeado de gente que vai pondo e tirando ...
(SUJEITO 5)



(...) o formador precisa ter o olhar aberto, não um olhar aberto com a minha lente, mas um olhar aberto para a realidade, para o que eu quero da vida e dos professores.
*(...) o mais difícil na formação é saber olhar para si mesmo, para o outro...**(SUJEITO 6)***

Reflexões suscitadas no confronto entre a palavra e a imagem em relação ao tema-eixo 2:

Há em toda experiência um elemento de padecimento, de sofrimento, em sentido amplo. De outra maneira não haveria incorporação vital, é algo mais do que colocar algo sobre a consciência, sobre o previamente conhecido. Implica uma reconstrução que pode ser penosa. (DEWEY, 1980, p.93)

No contato com as mensagens extraídas dos instrumentos, fui identificando que a palavra no contexto de produção mediada pela imagem “deixou vir” um sujeito mais “inteiro”, que pensou e disse sobre seus saberes e os sentimentos envolvidos no percurso profissional e nos sentidos atribuídos ao ofício de ser formador.

Os sentidos atribuídos ao ofício de ser formador, no relato escrito, recaem, na maioria das vezes, ao **estudo e pesquisa**, isso demonstra o quanto esse jeito de dizer/pensar sobre o que é ser formador de professores faz parte de um discurso uníssono da equipe, respondendo à expectativa que a instituição tem sobre o papel do formador como alguém que “saiba mais” que o professor, isto é, alguém que é autoridade do conhecimento do qual é responsável.

As imagens parecem exigir dos sujeitos a desconstrução desse jeito de pensar/dizer e palavras como **confusão X ordem, autonomia** (“professor construindo sua própria prática”) X **prescritividade** (“construir a partir dos modelos discutidos nos encontros”), **encontros X desencontros** (“tem que ser um encontro, mas às vezes não acontece”), **abraço X aperto, proximidade X distanciamento** passam a compor esse novo discurso mediado pelas imagens

“**Buscar a meta de atingir a todos**” como se todos fossem alvos a ser atingidos num processo de formação, passar a coexistir com idéia do novo, do desconhecido talvez deslocando o pensamento de que as discussões, os conteúdos e estratégias formativas levadas para os professores nas formações tenham de se encontrar com os saberes, com as dúvidas, incertezas, dificuldades que os

professores levam para o espaço formativo, e lidar com isso é lidar com o desconhecido, com o novo e o “atingido” na relação formador-professor pode não ser só o professor, mas também, e principalmente, o próprio formador.

Gente que põe e tira, olhos que refletem o próprio olhar trazem para o discurso novos atributos à formação e ao formador para além do estudo e da pesquisa; incluem o outro na relação, e desse modo, a formação antes dita/pensada como algo que depende somente do preparo do formador passa a conviver com a idéia de que, é na relação da pessoa e dos saberes do formador com a pessoa e com os saberes dos professores, pode acontecer o que se adjetiva como formativo.

Sou professor (***“o fato de sermos todos os professores”***) ou formador se confunde com a imagem que também pergunta: sou pássaro ou peixe? Quem sou eu nesse processo?

Tijolos, pássaros, portão, olhos, vacas e golfinhos, imagens-símbolos a serviço de um processo de atribuição de sentido; um processo feito com esforço, com articulações muito pessoais. Pessoais porque envolvem os saberes, sentimentos, as emoções, lembranças, concepções, os resultados de uma vivência singular daquele que se expressa representando suas reflexões por símbolos.

Furlanetto (2004) esclarece que o conceito de símbolo como sendo

(...) uma idéia, uma emoção, um acontecimento ou um objeto, que além de seu significado literal, possui outros significados ocultos e até mesmo inconscientes.(2004,p.40)

3.3. Palavra e imagem: um dueto de linguagens na perspectiva da formação como experiência estética de sentir e dizer, viver e produzir sentidos

As tramas entre palavra e imagem tecidas a partir das produções de dados dos sujeitos podem ser representadas como um dueto, isto é, um par que se complementa a favor da construção de sentidos sobre o que se faz. Se por um lado a palavra pode ser usada para reproduzir discursos prontos e pouco autorais, por outro, a imagem também pode aprisionar idéias e representações.

Em relação à imagem, a condição para que ela ajude a dizer e pensar é o esforço implicado no ato de lê-las e estabelecer com elas uma relação por vezes metafórica que exige novas formas de pensar e dizer, fazendo com que a imagem mais que dizer, faça o sujeito pensar.

Entre a palavra que contou (escreveu) o percurso profissional e os sentidos do ofício de ser formador e as palavras que surgiram do contato mediado pelas imagens há um deslocamento. Chamarei de deslocamento o movimento das palavras antes e depois das imagens; sim, *movimento*, porque entre um pensar/dizer (no relato) e o outro (mediado pela imagem) dos sujeitos há um salto qualitativo na forma de pensar e dizer sobre o percurso profissional e os sentidos atribuídos ao ofício.

Isso posto, posso inferir que a imagem como linguagem mediadora do dizer/pensar dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa se constituiu em uma experiência.

Segundo Dewey (1959b), para se compreender a natureza da experiência é necessário perceber que ela implica dois elementos: um ativo e um passivo, articulados entre si. Em relação ao aspecto ativo, a experiência é tentativa; já em relação ao aspecto passivo, é sofrimento, padecimento, enfim, é o sentimento que emerge daquilo que o sujeito passa e que o faz pensar retrospectiva e projetivamente a partir daquilo que foi experimentado. Portanto é algo em movimento.

'Aprender da experiência' é fazer uma associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em consequência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer. Em tais condições a ação torna-se uma tentativa; experimenta-se o mundo para se saber como ele é; o que se sofre em consequência torna-se instrução – isto é, a descoberta das relações entre as coisas. (DEWEY, 1959b,p.153)

O papel do portfólio de imagens em todo o processo vivido pelos sujeitos desta pesquisa foi de agregar valor às palavras o que pode significar dar-lhes maior condição de expressar as idéias, os sentimentos, as memórias, enfim, que a palavra fosse de fato utilizada para dizer e não para enfeitar como já dizia o poeta Graciliano Ramos.

Pode-se inferir ainda, que, se não houvesse a mediação das imagens o fato de contar sobre si mesmo, poderia se constituir numa mera atividade, longe de se configurar uma experiência, porém o que se pôde observar na produção dos sujeitos é a combinação especial que houve entre o aspecto ativo (tentativa) do relato e o aspecto passivo (o padecimento) no portfólio, os dois elementos juntos a favor de um dizer mais autoral.

Desse modo, no processo experiencial vivido pelos sujeitos é possível reconhecer outro conceito importante: a mediação - a imagem cumpriu o papel mediador de estar entre o que o sujeito já sabia e já havia sido dito e pensado sobre a história de seu ofício e os novos elementos que o fizeram pensar/dizer de outras formas.

Um estar entre, contudo, que não é passivo nem fixo, mas ativo, flexível, propositivo. (MARTINS, 2005,p.54)

Assim, a imagem atuou como tradução de pensamentos e sentimentos, numa perspectiva vigotskiana de linguagem, como explica Freitas (2002)

Não da linguagem como simples meio técnico a serviço da palavra (a língua) mas da linguagem como estrutura essencial da presença do homem ao mundo por seu dizer.(2002, p.70)

A distinção que a autora faz entre meio técnico e linguagem me remete a enfrentar uma das minhas inquietações no processo de objetivação dos dados: a imagem funcionou nos processos vividos com os sujeitos como signo ou instrumento?

Para Vigostki (1988), a distinção entre signo e instrumento reside na forma como eles orientam o comportamento humano.

A função do instrumento é servir como condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e o domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido ao controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. (1988, p. 62)

Nesse sentido, a imagem pode funcionar como instrumento quando se estabelece com ela uma relação imediata, como se ela servisse apenas para ilustrar o pensamento e o discurso. Já na perspectiva da imagem como signo e, portanto, como linguagem, a imagem faz pensar e traduzir o pensamento, implicando, nesse processo, o fator externo (aquilo que se apresenta ao sujeito) e o fator interno (aquilo que o sujeito pensa, sente e diz), estabelecendo relações singulares a partir do elemento externo.

Nos trechos destacados das produções dos sujeitos desta pesquisa, antes da imagem e depois da imagem, pode-se notar não apenas a imagem ilustrando o discurso e o pensamento, mas a imagem que ajudou e fez pensar sobre questões que se atualizaram com um jeito novo de pensar e, até mesmo, novos pensamentos e palavras surgidas da relação cíclica pensamento-palavra- imagem-palavra-pensamento-imagem-palavra-pensamento a serviço de um pensar/dizer com maior sentido.

Considerações finais ou caminhos que se abrem para novas investigações sobre formação de professores a partir da formação como experiência estética

(...) tudo é mistério e tudo está cheio de significado. Todas as coisas são “desconhecidas”, simbólicas... Em conseqüência, o horror, o mistério, o medo por demais inteligente. Mario de Andrade

Entregar-se a uma questão, investigá-la; escrever sobre ela, mergulhar em determinados aspectos, especificá-los, relacionar elementos objetivos, sem deixar de considerar o subjetivo presente nas produções humanas, fundamentar teoricamente; pensar, estabelecer relação, pensar de novo, afastar-se para refletir melhor, voltar às questões, considerando outras tantas que orbitam a questão central, sem perdê-la de vista.

Fazer tudo isso estando vivo, ou seja, vivendo a vida por inteiro: os problemas, as conquistas, os sentimentos, as emoções, as reflexões, o cotidiano.

O caminho para chegar às considerações finais foi longo, intenso. Cada atalho, cada estrada, cada trecho, cada paragem, foram trilhados com palavras e imagens que me ajudaram a pensar e a escrever para chegar a alguns dados conclusivos, ainda que, provisórios, sobre a complementaridade das palavras e imagens na ação/reflexão de atribuir sentidos aos fazeres profissionais.

Dessa forma, compreendi que, em processos formativos, há de ser exploradas as potencialidades das linguagens para se viver uma experiência de pensar/dizer, dizer/pensar. Essa reflexão, fruto do aprofundamento teórico em relação aos dados construídos pelos sujeitos trouxeram-me outros elementos objetivos que me impulsionam a continuar pensando em propostas que possam qualificar mais e melhor os espaços de formação continuada.

Um dos elementos que me impulsionam refere-se às representações trazidas para essa pesquisa pelos formadores Sebastião e Cintia no uso da imagem em processos formativos como linguagem mediadora. Segundo depoimentos de ambos, há confirmação de que é premente ampliar as formas de diálogo educador-

formador para que a formação deixe de ser um espaço de reprodução de discursos prontos e pouco autorais e se transforme em um espaço de relação com os saberes, com as pessoas, com a prática desenvolvida, enfim, um espaço de experiências significativas.

“Eu já vivi uma experiência de dizer por meio de imagem e utilizo isso na formação.

Levei algumas imagens para falar com uma coordenadora para ela falar de avaliação. Ela trouxe um conteúdo na fala que eu até sentei e pensei como vou lidar com isso agora.

...Primeiro porque descontraí o clima porque falar de avaliação era uma coisa tensa. Era um jeito diferente... foi um rol de imagens e como já tinha vivido isso e sabia que o assunto era complexo, disse para ela escolher uma ou várias que as ajudassem a dizer sobre a avaliação, para não dizer a mesma coisa.

As palavras que vieram depois das imagens eram palavras diferentes; ela falava para mim que estava sendo verdadeira.

Ela falava dela, das crenças dela frente às crenças institucionais.

Eu tenho certeza se a gente começasse a conversa sobre avaliação com uma conversa sem as mediações da imagem não viria desse jeito” (Cintia)

Cintia revela as diferenças observadas na forma e no conteúdo da fala da coordenada, na qual estava realizando uma intervenção formativa quando utilizou a imagem como mediadora do pensar/dizer. Pelo seu relato, é possível perceber que o desafio proposto pela mediação da imagem teve mão dupla, ou seja, houve todo o esforço da coordenadora em dizer/pensar de outro jeito para expor suas concepções sobre avaliação (**“as palavras que vieram depois da imagem eram palavras diferentes...ela falava das crenças delas frente às crenças da instituição”**) o que impôs à formadora esforço no trato das informações, dos conteúdos trazidos no diálogo (**“como vou lidar com isso agora?”**).

Sebastião relata que, com as imagens, a formação deu espaço para o professor fazer interpretações pessoais sobre o que viviam na docência, portanto, o espaço formativo passou de unilateral, onde só o formador fala e “dá o recado” para um espaço de compartilhamento de experiências.

“Esse exercício de falar por imagens vem desde aquele trabalho que você fez conosco. Isso foi tão marcante porque a gente primeiro teve que olhar para aquela imagem e dizer que mensagem que ela estava dizendo para nós. Foi tão forte que teve tanto sentido que levamos para a formação e essa experiência marcou até o professor porque lembro quando a gente levou as imagens eles faziam interpretações pessoais, das vivências deles.” (Sebastião)

A fala dos sujeitos demonstrou, ainda, que os instrumentos produzidos no decorrer desta pesquisa, não tiveram por objetivo somente me apresentar dados para a construção de conhecimentos, mas representou para eles um processo homólogo, ou seja, sendo significativo para eles, poderia ser também para os coordenadores e professores formados por eles.

Cintia menciona, ainda, que a imagem ajudou também a descontrair, criando um clima mais lúdico do que a palavra meramente expressa em textos reflexivos. Isso não significa que uma formação possa dispensar o estudo e a reflexão de textos, mas que a imagem ajuda a revelar os saberes prévios que os professores têm e os que não têm. Inspira-os a criarem novas formas de dizer e pensar a ação pedagógica para, então, caminharem ao estudo dos textos e confrontarem o que se sabia e o que se aprendeu. A imagem configura-se, nesse processo, não como mero meio para ilustrar o que se pensa, mas um trabalho de atribuição de sentido ao que se pensa, faz, sente e diz sobre determinado assunto ou prática pedagógica.

Dewey descreve, no capítulo *Experiência e Pensamento*⁴ do livro *Democracia e Educação*, o que caracteriza e o que não caracteriza o ato de pensar.

Encher nossas cabeças, como um álbum, com este ou aquele assunto, enquanto coisa completamente acabada e concluída, não é pensar. (...) Considerar o aparecimento das ocorrências daquilo que pode ser, mas não é, isso sim, é pensar.

Na pesquisa aqui empreendida, é possível verificar alguns aspectos que caminham na direção de um pensamento mais reflexivo quando mediado pela imagem, como, por exemplo, a articulação entre pensar e sentir, isto é, as imagens deram lugar aos sentimentos revelando incertezas, dúvidas, medos, prazer e frustrações relativos ao ofício de ser formador.

Vale ressaltar que pesquisas sobre o poder mediador de outras linguagens em processos formativos já foram realizadas, entre elas posso citar a extensa tese de doutoramento de Mônica Ferreira Mayrink intitulada

⁴ Extraído de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/dewey/cap11.htm>

Luzes...câmera...reflexão: formação inicial de professores mediada por filmes, que destaca as potencialidades dos filmes no processo de formação crítico-reflexiva de professores. A pesquisadora cria diversas possibilidades de interação dos professores em processo inicial de formação desvelando concepções sobre a educação a partir de discussões e reflexões dos conteúdos dos filmes articulados a saberes da prática pedagógica, numa perspectiva de transformação.

Ao olhar para a pesquisa empreendida por mim, tal como se configura neste momento, percebo que novas questões se apresentam e indicam novos caminhos a ser trilhados. Isso me move continuar investindo no aprofundamento de uma perspectiva mais estética e experiencial da formação de professores, em espaços coletivos no contexto da escola - realidade vivida por mim a partir deste ano.

Inserida em um projeto de formação de professores na escola pública onde atuo como coordenadora pedagógica, atualmente tenho reafirmado o quanto o discurso de alguns professores está “colado” no discurso vigente que, no caso da rede municipal de São Paulo, está expresso nos Cadernos de proposição de expectativas para as diferentes áreas e ciclos do ensino fundamental. Para outros professores, considerados “mais críticos” e que reagem às diretrizes institucionalizadas numa tentativa de contrapor-se à concepção vigente resta um discurso pautado no senso comum como, por exemplo: “*o problema do aluno não aprender não é do professor é do próprio aluno porque ele não tem interesse; o problema é da família, porque o aluno chega à escola sem valores*”; “*a culpa é do sistema*”. Obviamente, estou me reportando aos casos extremos, pois vale ressaltar que há, na escola, professores que conseguem articular a realidade da escola às diretrizes propostas pela Secretaria Municipal de Educação, porém a maioria fica entre os dois modelos descritos anteriormente.

Diante da diversidade de representações e concepções dos professores, tenho inserido nesses espaços, a imagem que ajuda a traduzir e superar dizeres, por vezes marcados pelos discursos institucionais ou de senso comum. Minhas iniciativas ainda têm sido tímidas porque é preciso investir em um vínculo de confiança para que os professores possam expor suas idéias ao mesmo tempo

expor seu esforço de ler as imagens e extrair delas idéias que articulem com o assunto tratado.

Será que os professores, vivendo experiências formativas mediadas pela imagem, podem repensar as didáticas de suas áreas de conhecimento, propondo para os alunos também formas diferentes de expor seus saberes e junto deles seus sentimentos numa perspectiva mais integral da aprendizagem?

Esse pode ser um novo caminho a ser trilhado, como novas perguntas, novos sujeitos, novo contexto e com uma pesquisadora que também já não é a mesma, porque sai desse processo de pesquisa realizada no fluxo da vida, *reinventada!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTET, Marguerite; PASQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe. *A profissionalização dos formadores de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003

ANDRADE, Roberta Messias de. *A formação de professores nas dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação em educação entre os anos de 1999 e 2003*. (Dissertação defendida à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004)

ANDRÉ, M. SIMÕES R. H.S., CARVALHO J. M., BRZEZINSKI. *Estado da arte na formação de professores no Brasil*. Revista Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99.

BARBOSA, Ana Mae (org). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2ª.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BOLIVAR, Antonio (org.). *Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola*. São Paulo: EDUSC, 2002.

BOSI, A. *Fenomenologia do olhar*. In. A. Novaes et al. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das letras, 1990

BUORO, Anamelia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DEWEY, John. *Tendo uma experiência*. In coleção Os pensadores, volume Dewey. São Paulo: Ed. Abril cultural, 1980.

_____ *Experiência e Educação*. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____ *Democracia e Educação*. 3.ed. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1959b.

_____. *Experiência e Pensamento*. In Democracia e Educação. Extraído de <http://www.educ.fc.ul.py/docentes/opombo/hfe/dewey/cap11.htm>

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise do Conteúdo* 2.ed..Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. *Educação: atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Vygotsky e Bakhtin: *Psicologia e educação: um intertexto*. 4.ed.Minas Gerais: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. *Formação contínua de professores: aspectos simbólicos*. Psicologia da Educação, São Paulo, 19,2ºsem.de 2004,pp.39-53.

GARCIA, Carlos Marcelo. *A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor*. In: NÓVOA, Antonio (org). Os professores e sua formação. Lisboa:Publicações don Quixote,1992.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge . *Nietzsche & a Educação*.2.ed.Belo Horizonte:Autentica,2005.

_____. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4.ed. .Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência** Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por *Leituras SME*; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC.

Publicação na Revista Brasileira de Educação.

LE BOTERF, G. (1994) *De la compétence. Essai sur un attracteur étrange*, Paris, Les Editions d'organisation.

LUDKE, Menga e ANDRE, Marli Eda. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUEZANO, Viviane Laperuta. *O cuidar na ação do formador de professores*. São Paulo: PUC, Mestrado, Programa de pós-graduação em Psicologia da Educação, 2008. Disponível em <http://www.sapientia.pucsp.br>

MARTINS, Mirian Celeste (org.). *Mediação: provocações estéticas*. UNESP: Instituto de arte. São Paulo: v.1, nº 1, outubro, 2005.

_____. *Conceitos e Terminologia: aquecendo uma transforma-ção: atitudes e valores no ensino de Arte*. In BARBOSA. Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003

MAYRINK, Mônica Ferreira. *Luzes... Câmeras... reflexão: formação inicial de professores mediada por filmes*. Programa de Estudos Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC-SP, 2007.

NÓVOA, António (org.). *Vidas de Professores*. 2.ed. Lisboa: Porto Editora, 1995.

_____. *Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas*. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 25, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br> - Acesso em: 20 Jun 2007. Pré-publicação.

_____. *Formação de professores e profissão docente*. In: _____. *Os Professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, publicações Dom Quixote, 1992. (Coleção Temas de Educação).

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 19ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PÉREZ GOMEZ, Angel. *O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo*. In NÓVOA, Antonio (org). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações don Quixote, 1992,p.93-114.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar no ensino da arte*. In In BARBOSA. Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2.ed. São Paulo: Cortez,2003

PIMENTA, Selma Garrido (org). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. (orgs). *A aprendizagem do adulto professor*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. 25ª reimpr. da 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____ ; KOHAN, Walter O. Apresentação. Campinas, v.24, n. 82, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br> - Acesso em: 27 Jun 2000 - Pré-publicação.

_____.*Palavra, imagem e enigmas*. Revista USP, 1992-1993, nº16.

SEVERINO, Joaquim Antonio e FAZENDA, Ivani C. Arantes (orgs). *Formação Docente: rupturas e possibilidades*. Campinas: Papyrus,2002.

SCHÖN, Donald. *Formar Professores como profissionais reflexivos*. IN: NÓVOA, Antonio (org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa:Publicações don Quixote,1992, p. 77-91.

TARDIF,Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. São Paulo: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e Linguagem*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Psicologia Pedagógica. A educação estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A formação social da mente*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. 2.ed.Campinas: Autores Associados, 2001.

ZEICHNER,K. *A formação reflexiva de professor: Idéias e práticas*. Lisboa:Educa,1993.